

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA**

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

***Comércio bilateral Brasil-China:
Potencialidades de exportações brasileiras para o mercado chinês.***

Fernanda Perez da Cunha

No. de Matrícula : 0413069

Orientadora : Sandra Rios

Junho 2006

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA**

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

Comércio bilateral Brasil-China:

Potencialidades de exportações brasileiras para o mercado chinês.

Fernanda Perez da Cunha

No. de Matrícula : 0413069

Orientadora: Sandra Rios

Declaro que o presente trabalho é de minha autoria e que não recorri para realizá-lo, a nenhuma forma de ajuda externa, exceto quando autorizado pelo professor tutor.

Junho 2006

“ As opiniões expressas neste trabalho são de responsabilidade única e exclusiva do autor.”

Agradecimentos

Agradeço a Professora Sandra Rios pela dedicação, paciência e empenho durante a orientação desta monografia.

Agradeço também a todos os demais professores e funcionários do departamento de economia da PUC-Rio que estiveram presentes e participaram de minha formação nestes últimos anos.

Agradeço a todas as demais pessoas, amigos e família, que me apoiaram durante este período de minha vida.

Dedico este trabalho ao meu melhor amigo, Bernardo Sampaio.

ÍNDICE

1 INTRODUÇÃO	6
2 ABERTURA COMERCIAL DA CHINA	8
2.1 PANORAMA GERAL DO COMÉRCIO EXTERIOR DA CHINA.....	8
2.2 O CRESCIMENTO DO INVESTIMENTO ESTRANGEIRO DIRETO NA CHINA	10
3 COMÉRCIO EXTERIOR BRASIL-CHINA	14
3.1 CARACTERÍSTICAS DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DESTINADAS À CHINA.....	17
3.2 CARACTERÍSTICAS DAS IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS ORIUNDAS DA CHINA	19
3.3 O PERFIL DOS EXPORTADORES INDUSTRIAIS BRASILEIROS PARA A CHINA	21
4 EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS: POSSIBILIDADE DE EXPANSÃO DO COMÉRCIO BRASIL-CHINA.....	24
4.1 PRODUTOS NÃO EXPORTADOS PARA A CHINA, PARA OS QUAIS EXISTEM OPORTUNIDADE COMERCIAIS RELEVANTES.....	24
4.2 PRODUTOS COM VC QUE APRESENTARAM PERDAS DE COMPETITIVIDADE NO MERCADO CHINÊS NOS ÚLTIMOS ANOS	26
4.3 PRODUTOS NÃO EXPORTADOS PARA A CHINA, COM OPORTUNIDADES COMERCIAIS RELEVANTES.....	30
5 BARREIRAS COMERCIAIS APLICADAS PELA CHINA.....	33
6 CONCORRÊNCIA ENTRE O BRASIL E A CHINA NO MERCADO AMERICANO.....	39
7 CONCLUSÃO.....	43
APÊNDICE	47
ANEXO 1: ÍNDICE DE VANTAGENS COMPARATIVAS	47
ANEXO 2: TARIFAS DE IMPORTAÇÃO DA CHINA POR CAPÍTULO	48
BIBLIOGRAFIA	50

1 Introdução

A China é uma das economias que hoje mais se destaca no cenário mundial, seu acelerado desenvolvimento nestes últimos anos tem despertado a atenção e preocupação de muitos países. Desde que o China começou a abrir sua economia e reformá-la, o crescimento médio do PIB tem sido 9,4% ao ano.

O presente trabalho tem como objetivo identificar os possíveis ganhos de comércio dos produtores brasileiros com a economia crescente da China. Apesar de nos últimos anos, o Brasil ter estreitado laços com a China, implicando em uma elevação das importações chinesas nas vendas externas brasileiras, bem como das importações de origem chinesa no total das compras externas brasileiras, a sua presença no mercado chinês ainda é pequena. Contudo, o Brasil apresenta grandes oportunidades para ampliar esse comércio, a fim de tirar proveito do crescimento extraordinário da China, que é justamente a intenção deste estudo. O crescimento acelerado, abertura aos investimentos estrangeiros e o incentivo ao comércio internacional na China, devem ser vistos com cautela pelos exportadores brasileiros, pois ainda que seja uma excelente oportunidade para aumentar as vendas de commodities para o novo mercado, a China pode apresentar riscos quando avaliado seu comércio em mercados terceiros. Nesse caso, a China torna-se um forte concorrente do Brasil.

O estudo começa apresentando o panorama do comércio bilateral Brasil-China, analisando as suas características e descrevendo a importância da China no cenário mundial. A seção seguinte examina as implicações dos fluxos de Investimento Estrangeiro Direto (IED) para a China, averiguando se o Brasil poderá vir a sofrer com desvio de IED para a região.

A terceira seção identifica potencialidades de exportação do Brasil para a China, tanto para produtos não explorados pelos importadores chineses quanto para mercadorias que apresentaram perdas de competitividade em períodos recentes. Em primeiro lugar, estão aqueles para os quais não há registros de exportações brasileiras para a China no triênio de 2002-2004, apesar do país apresentar vantagem comparativa a nível mundial. Em segundo lugar, estão aqueles produtos cujas vendas para a China foram reduzidas entre 1998 e 2000 até o triênio de 2002-2004. E por último constam àqueles produtos, que tiveram uma excelente participação nas importações chinesas e exportações brasileiras entre 1998 e 2004, e o consumo doméstico chinês também se demonstrou bastante dinâmico.

Na quarta seção pretende-se observar quais são as barreiras tarifárias e não tarifárias impostas pelo governo chinês aos produtos brasileiros, quais os setores mais prejudicados por esta medida, e que segmentos o Brasil poderia investir no seu comércio com a China.

A quinta seção foca nos impactos do desempenho do exportador chinês nas exportações brasileiras para terceiros mercados, particularmente nos Estados Unidos, e quais os novos desafios que o Brasil poderá vir a enfrentar. A escolha pelos Estados Unidos é simples, o país está presente entre os três principais parceiros comerciais tanto da China quanto do Brasil.

A última seção descreve as principais conclusões do estudo.

2 Abertura Comercial da China

2.1 Panorama Geral do Comércio Exterior da China

A China, nos últimos anos, tem demonstrado um desempenho expressivo em termos de crescimento do produto, exportações, importações e, conseqüentemente, da participação nos fluxos internacionais de comércio. Desde a revolucionária reforma implementada pelo governo chinês em 1978, o país tem crescido a taxas espetaculares em média de 9,4% ao ano.

O plano lançado pelo primeiro-ministro, Deng Xiaoping, consistia em três pontos-chaves; no âmbito interno tratou-se de estimular fortemente a agricultura (a base da economia chinesa) por meio de uma reforma agrária, e no externo promoveu-se a abertura aos investimentos estrangeiros e o incentivo ao comércio internacional. No front externo o país logrou se tornar um dos maiores exportadores mundiais e em decorrência disso, assegurou a geração de superávits comerciais, acúmulo de reservas cambiais e criação de empregos. Quase como um milagre, a China passou de uma economia atrasada e estagnada, para se tornar vanguarda dos países emergentes, ameaçando, inclusive, a disputar a hegemonia mundial com os países desenvolvidos.

Tabela 1: Corrente de Comércio da China de 1978-2004

US\$ 100 milhões

Ano	Exportações	Importações	Corrente de Comércio	Saldo Comercial
1978	97,5	108,9	206,4	-11,4
1980	181,2	200,2	381,4	-19,0
1985	273,5	422,5	696,0	-149,0
1989	525,4	591,4	1116,8	-66,0
1990	620,9	533,5	1154,4	87,4
1991	719,1	637,9	1357,0	81,2
1992	849,4	805,9	1655,3	43,5
1993	917,4	1039,6	1957,0	-122,2
1994	1210,1	1156,1	2366,2	54,0
1995	1487,8	1320,8	2808,6	167,0
1996	1510,5	1388,3	2898,8	122,2
1997	1827,9	1423,7	3251,6	404,2
1998	1837,1	1402,4	3239,5	434,7
1999	1949,3	1657,0	3606,3	292,3
2000	2492,0	2250,9	4742,9	241,1
2001	2661,0	2435,5	5096,5	225,5
2002	3256,0	2951,7	6207,7	304,3
2003	4382,3	4127,6	8509,9	254,7
2004	5933,2	5612,3	11545,5	320,9

Fonte: CSY (China Statistical Yearbook 2005).

Desde 1978 a 2004, suas exportações cresceram de maneira ininterrupta e a taxas expressivas, equivalentes a uma média anual de quase 17% o que possibilitou um salto de US\$ 97 bilhões para aproximadamente US\$ 593 bilhões em 2004 (Tabela 1). As importações por sua vez, aumentaram de forma bastante significativa, passando de US\$ 108 bilhões, em 1978, para US\$ 561 bilhões, correspondendo a uma taxa de 16% ao ano.

Em 2005, as importações Chinesas foram de aproximadamente, US\$660 bilhões, enquanto as exportações corresponderam a mais de US\$ 762 bilhões, colocando a China na quarta posição no ranking dos maiores exportadores mundiais e o terceiro lugar no ranking das importações.

Ao longo destes anos, a composição do comércio exterior da China tem sofrido modificações, aumentando o conteúdo tecnológico tanto na pauta das importações quanto na pauta das exportações. Até recentemente o país ainda se destacava como exportador de produtos intensivos em trabalho, tais como artigos têxteis e vestuário. Essa tendência, entretanto, se reverteu drasticamente. O avanço do país fez-se mais marcante a sua presença em fluxos mais dinâmicos do comércio mundial, tornando-se referência em produtos como máquinas para escritórios, informática, equipamentos eletrônicos e de telecomunicações.

Do lado das importações, destaca-se também o crescimento das compras de produtos de alta intensidade tecnológica, como máquinas de escritório, aparelhos eletrônicos e de comunicação, instrumentos médicos, produtos minerais, etc.

O dinamismo na pauta das importações, pode ser explicado pelo progresso da economia chinesa, que tem impulsionado significativos investimentos em infra-estrutura e construção civil e, portanto, apresentado uma forte demanda por produtos de alta tecnologia. Este processo também tem levado os chineses a produzirem bens de capital e bens de consumo duráveis tornando o país um forte fornecedor de mercadorias de alta tecnologia. Uma outra reflexão para esse movimento, considerada pelos autores Lall e Albadejo (2003), é a de que as empresas locais estão se organizando em *clusters* de alta tecnologia, enquanto o governo tem pressionado as firmas estrangeiras (que tem a maior participação de produtos com alta tecnologia na pauta das exportações) a desenvolverem atividades de pesquisas no país.

Outro indicador do êxito do plano de abertura do mercado chinês está relacionado com a recepção de investimentos estrangeiros diretos (IED). Esses vultuosos ingressos

de capitais permitiram a criação de mais de 450 mil empresas, dos quais 400 destas são multinacionais.

2.2 O crescimento do Investimento Estrangeiro Direto na China

Atualmente, a China é o país que mais recebe fluxos de Investimento Estrangeiro Direto, superando, inclusive, os Estados Unidos. Apesar dos esforços do governo para desaquecer a economia, o IED para a China em 2005 foi de US\$60.33 bilhões, valor extremamente alto quando comparado a outros países. O fluxo de IED para a China pode ser explicado, devido as reformas econômicas ocorridas no país, pelo crescente mercado doméstico consumidor e, também, pela abundante, barata e disciplinada mão de obra, que constituem fatores importantes para a atração de investimentos. Com a sua entrada na OMC, o país deve se tornar destino principal dos fluxos de IED nos próximos anos, devido à recente abertura do setor de serviço e de setores que são relativamente subdesenvolvidos (como a indústria de automóveis). Caso a China decida privatizar suas inúmeras empresas estatais, o país se tornará em um ímã, atraindo IED do mundo, como ocorreu durante a década de 90 na América Latina. No Brasil, os IED foram concentrados nos setores de telecomunicações, financeiro e de energia, permitindo, assim, uma modernização das suas indústrias, serviços e infra-estrutura.

Segundo um estudo feito pelo BID¹ a competição por IED surge, uma vez que a poupança mundial é escassa. Tudo o mais constante, se um investimento passa a ser lucrativo em um país, naturalmente, isso levaria a um aumento dos investimentos para esse país. Nos últimos anos, o fluxo de IED para a China aumentou em 4%, o que indica uma contração da parcela de investimentos para o resto do mundo (assumindo a hipótese de que a poupança permaneceu constante) e conseqüentemente, uma redução de IED em aproximadamente 4% para os demais países.² No entanto, dado que os mercados de capitais são imperfeitos, alguns desses países podem ser mais afetados que outros. Em particular, aqueles países que se beneficiam de fontes similares às da China em IED (apresentam um alto índice de coincidência da origem de IED), ou aqueles países que recebem IED de setores similares aos da China (países que possuem o

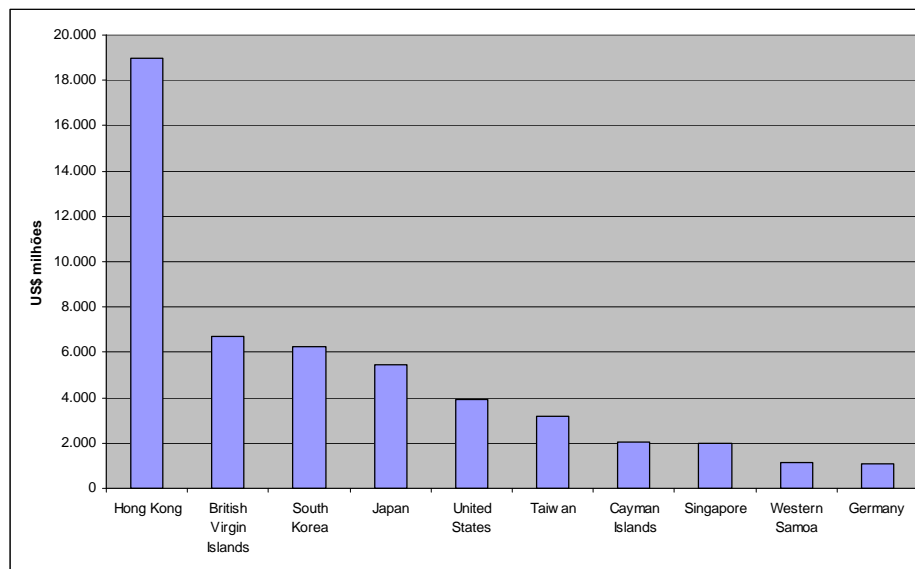
¹ *The Emergence of China: Opportunities and Challenges for Latin America and the Caribbean, 2005.*

² Estamos assumido que a poupança permaneceu constante, e portanto de um simples cálculo, na soma de todos os países, a entrada de fluxos de investimento estaria diminuindo em cerca de 4 pontos percentuais.

mesmo índice de coincidência de setor), são os que estão mais sujeitos a uma queda em fluxo de IED.³

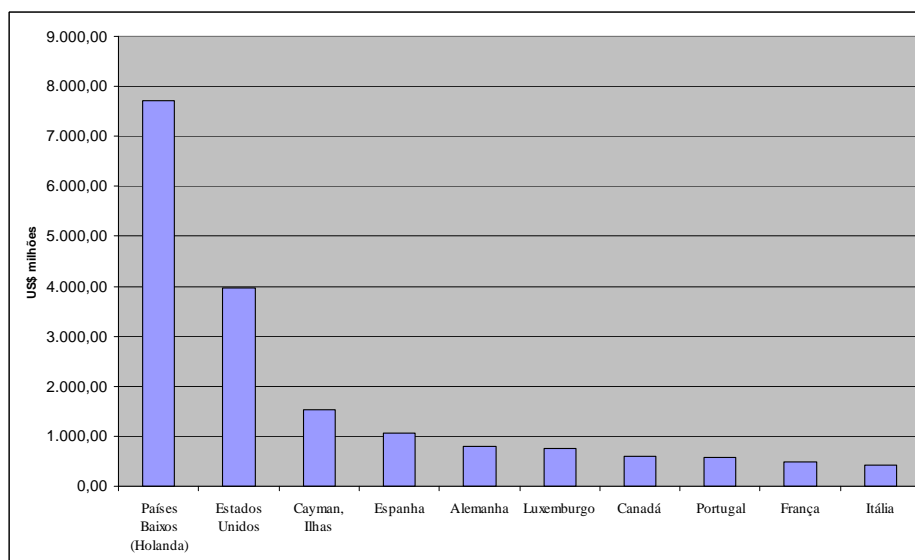
As figuras abaixo mostram a composição dos fluxos de IED por país de origem para a China e para o Brasil.

Gráfico 1: Fluxo de IED por país de origem para a China (2004)



Fonte: CSY (China Statistical Yearbook 2005).

Gráfico 2: Fluxo de IED por país de origem para o Brasil (2004)



Fonte: Banco Central do Brasil

³ Ou seja, a competição é geralmente mais forte entre países com alto índice de coincidência da origem do IED, ou que possuem o mesmo índice de coincidência de setor.

Ao compararmos as origens do IED destinado à China e ao Brasil, percebe-se uma grande diferença. O IED para a China deriva, principalmente, da Ásia, ao contrário da pauta do Brasil, onde não consta nenhum país asiático entre os principais países de origem do IED.

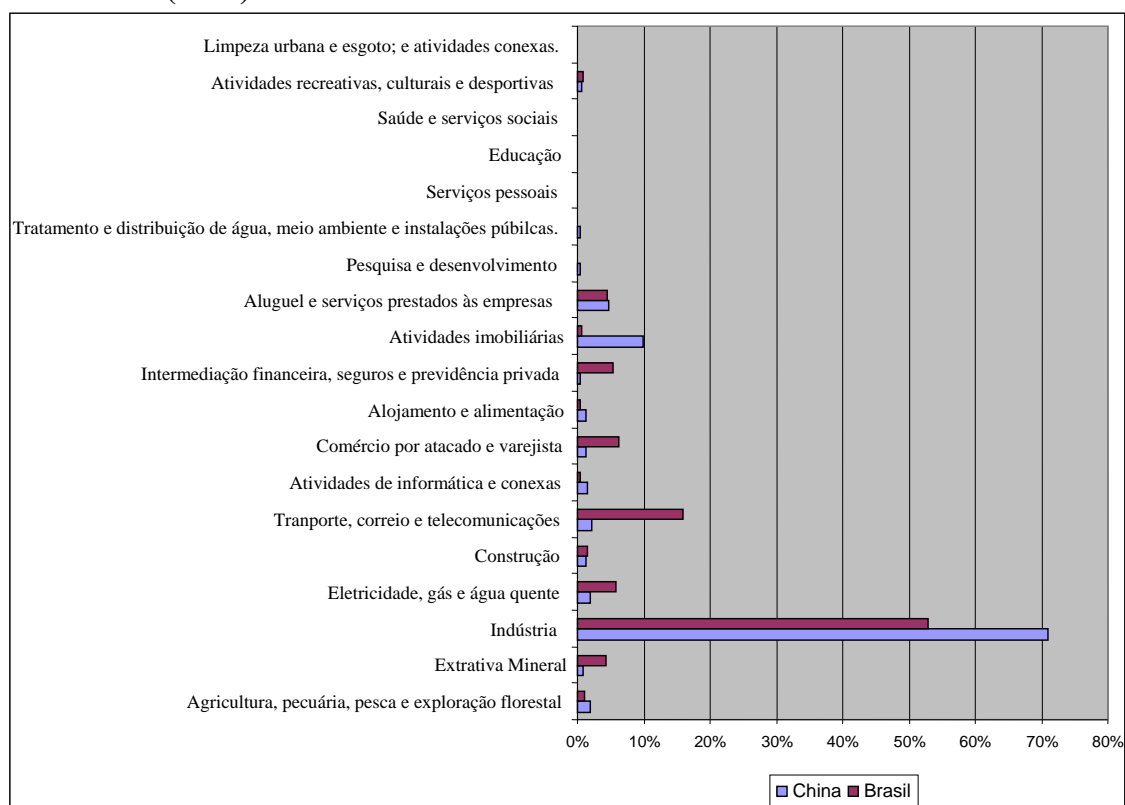
O Brasil é o país da América Latina que apresenta o maior índice de coincidência de origem do IED entre todos os outros países em relação à China, porém esse índice ainda é muito baixo quando comparamos países como a Índia e Coréia. Os Estados Unidos é o único país que consta na pauta dos dez países que mais investem na China e do Brasil. No entanto, vale ressaltar que, com a privatização do Brasil, houve um boom de IED americano convergindo para o país, mas esse ingresso foi gradativamente se revertendo à medida que a privatização deixou de ser algo muito rentável. Além disso, com a crise de 1999 no Brasil, o IED vindo dos EUA também foi negativamente afetado. Durante a crise Asiática, a situação na China não poderia ser diferente. Os IEDs enviados ao país também declinaram, mas como o país conseguiu emergir da crise, devido às suas políticas macro econômicas anticíclicas, os fluxos de IED rapidamente se recuperaram. Por isso, não se pode concluir que a crescente importância da China, na economia mundial seja razão para desviar IED do Brasil.

Em relação ao índice de coincidência de IED nos setores de cada país, existe uma pequena semelhança setorial entre a China e Brasil, uma vez que a maior parte dos IED nos países são alocados para o setor de manufaturas. No entanto, se excluirmos o setor de manufaturas, o índice de coincidência ainda é muito baixo (ver gráfico 3). Uma das razões para explicar essa tendência, é que a maioria dos IED destinados a China são concentrados somente no setor de manufaturas, ao contrário do Brasil onde a distribuição é menos concentrada. Embora o setor de manufatura no Brasil seja o segmento que recebe a maior parte dos IED, outros setores, como o de telecomunicações e comércio, também são muito relevantes.

Essas considerações apontam para o fato de que o Brasil não parece ser um forte candidato a sofrer com desvio de IED em benefício da China, no médio prazo, dado que a maior parte do seu IED é alocado nos setores industriais e de serviços com o objetivo de ganhar acesso aos mercados domésticos e regionais. Entretanto, existe uma certa ameaça na indústria automotiva brasileira, uma vez que ela vem operando abaixo de sua capacidade, com apenas 40% do seu potencial. Outros setores, como calçados e têxteis, também apresentam o mesmo risco. No longo prazo, contudo, o Brasil também pode

ficar vulnerável em IED para alguns setores a favor da China, mas, em contrapartida, o Brasil pode começar a atrair IED para outros setores, como para a produção de matéria prima e alimentos, impulsionados pelo crescimento sustentável da China. A melhor defesa que o Brasil poderá adotar para impedir qualquer desvio de IED para a China é através de políticas macro e microeconômicas para a melhora de sua competitividade industrial.

Gráfico 3: Composição do fluxo de IED por Setor do Mundo para o Brasil e China (2004)

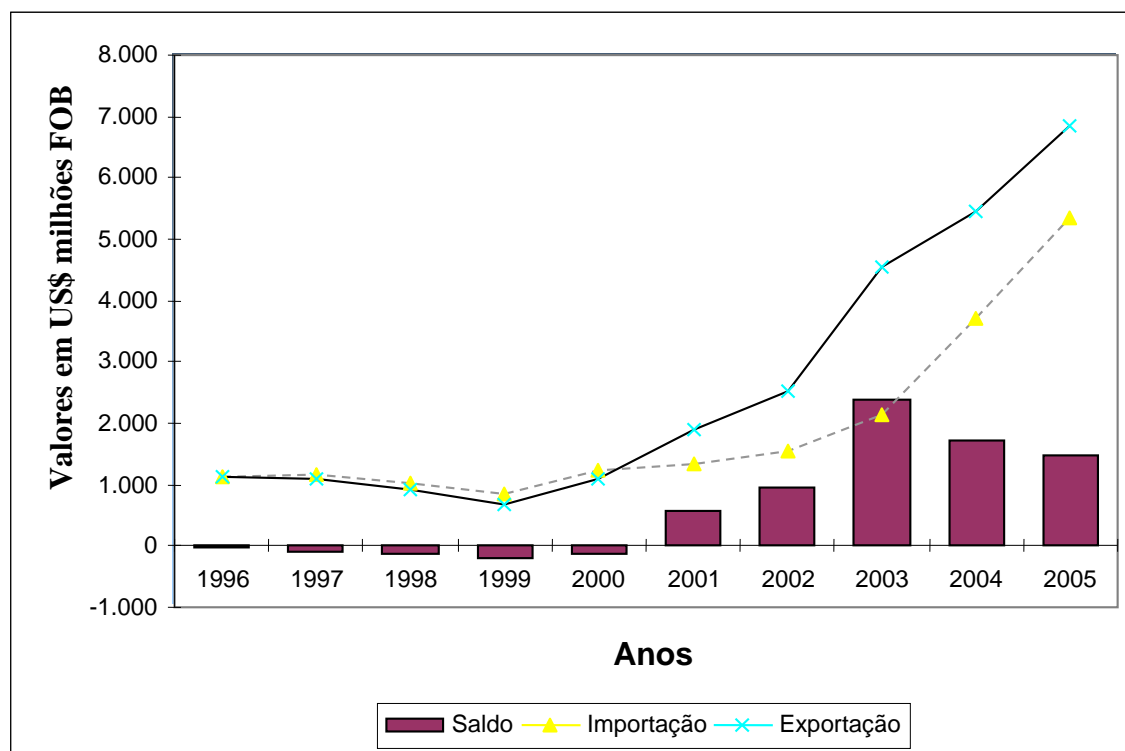


Fonte: CSY (China Statistical Yearbook 2005).
Banco Central do Brasil.

3 Comércio Exterior Brasil-China

A China hoje está se transformando na fábrica do mundo. A ampliação da sua participação no comércio internacional tem contribuído significativamente para o crescimento das exportações mundiais e, conseqüentemente, alavancado a produção industrial dos países. Esse cenário não podia ser diferente para o Brasil. Desde 1996 a 2005, as exportações brasileiras para a China aumentaram 513% no período, saltando de US\$ 1.114 milhões para US\$ 6.834 bilhões (ver Gráfico 4 abaixo). O resultado foi que o país saiu de um déficit de US\$ 19 milhões, em 1996, para um superávit de quase US\$ 1.479 milhões em 2005.

Gráfico 4: Evolução do Saldo Comercial do Brasil com a China (1996-2005)



Fonte: Sistema Alice.

Mesmo com a forte elevação do superávit da balança comercial, é necessário ressaltar que uma parte deste aumento deveu-se à recuperação dos preços das *commodities* agrícolas, voltando a apresentar níveis iguais aos da década de 90 (ver tabela 2).

Apesar desse desenvolvimento das exportações brasileiras para a China, o Brasil continua tendo uma pequena participação nas importações chinesas. O *market share* brasileiro no mercado chinês é de 1,2%, ocupando a décima quarta posição entre os países fornecedores em 2004.

Tabela 2: Índice de Preço das Exportações - Setor Agropecuário

Anos	Agropecuária
1996	100,0
1997	103,5
1998	81,5
1999	62,4
2000	65,8
2001	58,6
2002	69,2
2003	74,8
2004	99,2
2005	83,5

Fonte: FUNCEX.

Tabela 3: Importações China em 2002, 2003 e 2004.

US\$ milhões

País	2002	2003	2004
Hong Kong, China	78.881,1	95.375,8	114.192,3
Japão	38.260,6	55.113,7	70.608,4
Coréia	23.749,6	35.105,3	49.757,5
Estados Unidos	21.157,3	27.691,9	34.057,6
Taiwan, China	9.945,2	21.396,4	33.997,3
Alemanha	12.170,7	19.272,2	24.846,9
Singapura	6.784,3	10.021,1	15.122,4
Malásia	5.237,5	6.749,0	8.395,3
Rússia	5.309,9	7.814,7	8.375,6
Tailândia	0,0	5.666,8	7.069,0
França	3.168,5	5.051,2	6.342,0
Austrália	3.650,5	4.599,0	6.309,3
Itália	3.756,1	4.300,3	5.450,0
Brasil	2.519,8	4.531,7	5.437,5
Índia	1.959,4	2.909,1	5.295,1
Canadá	2.617,1	3.386,2	5.065,7
Indonésia	2.841,6	3.663,5	4.481,3
Inglaterra	2.146,1	3.006,9	4.118,8
Chile	1.224,5	1.815,7	3.209,8
Holanda	1.260,9	1.647,6	2.749,2

Fonte: Sistema de Dados (UNCTAD).

Entretanto, as oportunidades criadas pela economia chinesa não têm sido aproveitadas de forma homogênea entre os diferentes setores da economia brasileira. O setor que mais se beneficiou do mercado chinês foi o agropecuário. De fato, a maior parte do crescimento das exportações brasileiras para a China deve-se ao aumento das exportações de produtos agrícolas e pecuários que passaram de aproximadamente US\$ 4,3 milhões em 1996 para mais de US\$ 1,7 bilhão em 2005. Já no setor da indústria de transformação, as exportações brasileiras vêm perdendo espaço na pauta dos produtos importados pela China, pois embora elas tenham duplicado, seu crescimento foi menor do que a média.

Em termos setoriais, as exportações brasileiras para a China são fortemente concentradas em poucos setores intensivos em recursos naturais: soja e seus principais derivados (complexo soja), extrativos minerais (especialmente minério de ferro), produtos siderúrgicos, e óleos vegetais (com destaque para o óleo de soja). Vale mencionar que, nos últimos anos, os segmentos de peças e outros veículos, celulose, papel e gráfica também têm apresentado um bom desempenho nas exportações brasileiras para a China (ver tabela 4).

Tabela 4: Principais produtos exportados do Brasil para a China em 2005

Produto	US\$ F.O.B.	Participação
Outros grãos de soja,mesmo triturados	1.716.921.127	25,12
Minérios de ferro não aglomerados e seus concentrados	1.242.540.969	18,18
Minérios de ferro aglomerados e seus concentrados	542.090.156	7,93
Óleos brutos de petróleo	541.629.596	7,93
Fumo n/manuf.total/parc.destal.fl.s.secas,etc.virginia	246.666.746	3,61
Pasta quim.madeira de n/conif.a soda/sulfato,semi/branq	230.104.456	3,37
Lamin.ferro/aço,a frio, l>=6dm, em rolos, 0.5mm<= e <=1mm	165.024.471	2,41
Óleo de soja,em bruto,mesmo degomado	144.044.173	2,11
Outras madeiras serradas/cortadas em folhas,etc.esp>6mm	100.579.491	1,47
Pedaços e miudezas,comest.de galos/galinhas,congelados	78.305.568	1,15
Ferroniobio	76.290.596	1,12
Algodão simplesmente debulhado,não cardado nem penteado	62.541.996	0,92
Outs.couros/peles bovinos,secos,pena flor	60.530.195	0,89
Maquinas ferram.p/estampar metais,c/comando numerico	48.413.663	0,71
Granito cortado em blocos ou placas	46.194.058	0,68
Alumina calcinada	40.348.830	0,59
Outs.couros bovinos,incl.bufalos,n/div.umid.pena flor	40.220.673	0,59
Pasta química de madeira,para dissolucao	39.946.925	0,58
Sulfetos de minérios de cobre	39.512.964	0,58
Sucos de laranjas,congelados,não fermentados	37.159.765	0,54

Fonte: Ministério do desenvolvimento da indústria e comércio exterior/ SECEX.

3.1 Características das exportações brasileiras destinadas à China

As exportações brasileiras destinadas à China, apresentam algumas semelhanças das quais vale destacar:

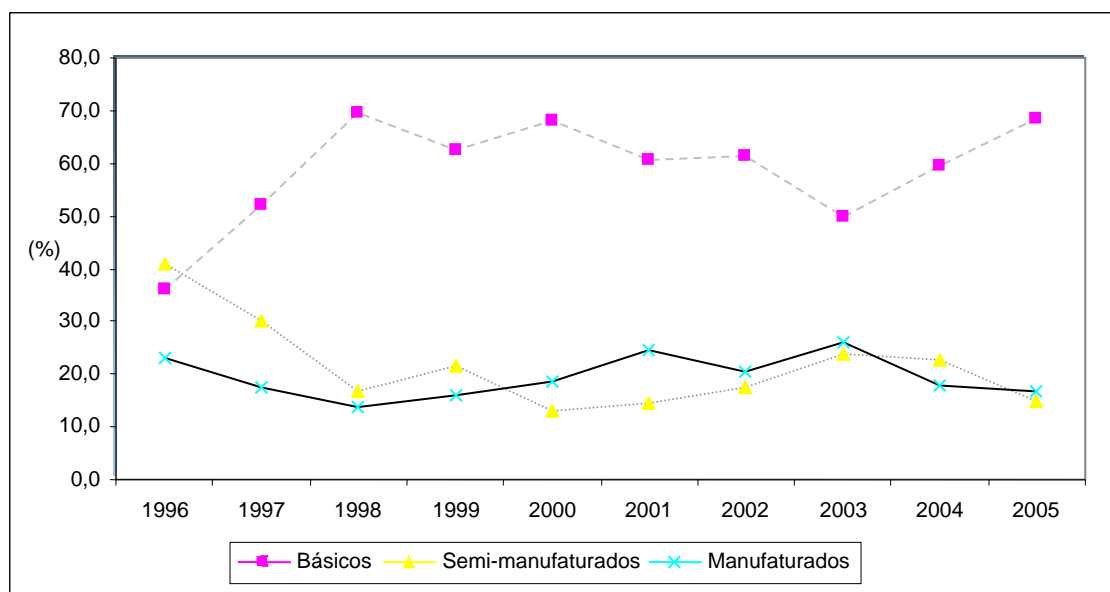
i) A forte presença de mercadorias de baixo conteúdo tecnológico.

Em 2005, os produtos básicos foram responsáveis por pouco mais de 68% das vendas brasileiras para a China, participação duas vezes maior que as vendas totais do país (que foi de 27%). Já os produtos semi-manufaturados na pauta das exportações do Brasil para China foi de 17,7%, também superior à média nacional de 14,6%. O oposto se verificou com os produtos manufaturados, onde o total das exportações mundiais foi de 56,4% contra 19,4% do comércio para a China como mostra o Gráfico 3.

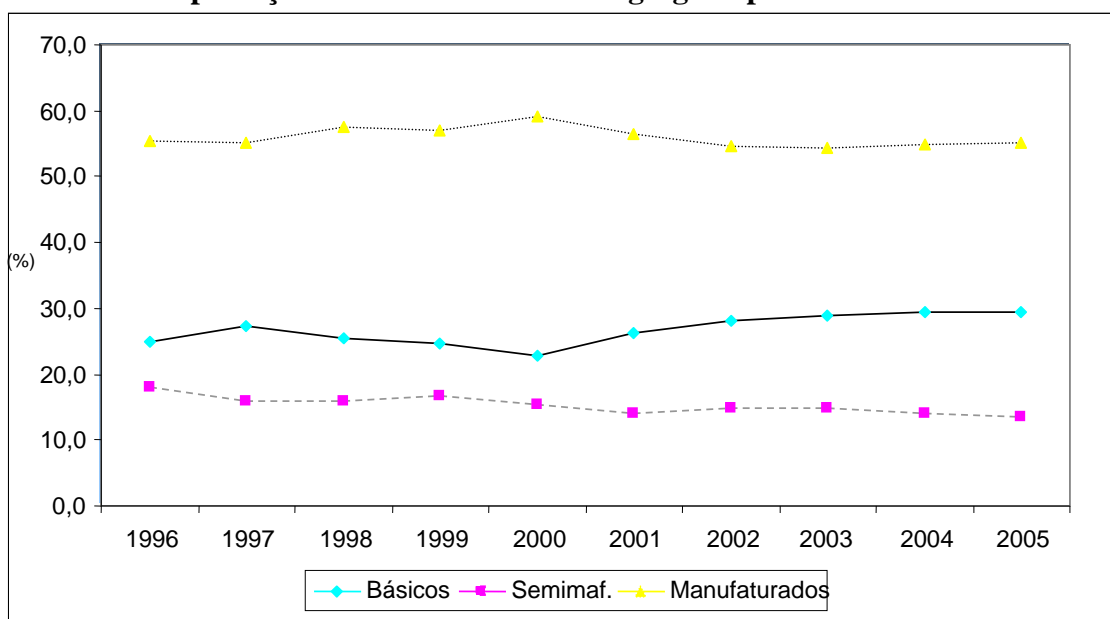
Ribeiro e Pouchet (2004) ressaltam que apesar da alta concentração das exportações brasileiras de produtos básicos para a China, o Brasil tem conquistado e mantido uma participação elevada dos manufaturados com o mundo (ver gráfico 5 e 6). As exportações brasileiras para outros países são constituídas por produtos manufaturados, especialmente em intensivos de escala.

A fatia de produtos básicos nas importações chinesas tem aumentado drasticamente desde 2003, devido à enorme demanda por produtos primários e agrícolas pelo crescente mercado consumidor chinês (ver gráfico). E, conseqüentemente, os produtos industrializados manufaturados e semimanufaturados vêm perdendo espaço no total das importações chinesas do Brasil, atingindo um patamar baixíssimo de 16,67% em 2005, ao contrário de 2003, onde o pico foi de 26% das vendas brasileiras. Cabe ressaltar, no entanto, que apesar a participação dos produtos básicos na pauta de exportações brasileiras para a China ter aumentado, o crescimento das importações chinesas do mundo dessa categoria de produtos continua inferior às suas importações de manufaturas.

Portanto, o Brasil deverá diversificar sua pauta de exportações se não quiser perder *market share* com a China futuramente, pois se continuar se especializando justamente nos produtos em que a demanda chinesa é fraca, indubitavelmente esse será o seu destino.

Gráfico 5: Exportação Brasileira Por Fator Agregado para a China – 1996 a 2005

Fonte: Ministério do desenvolvimento da indústria e comércio exterior/ SECEX.

Gráfico 6: Exportação Brasileira Por Fator Agregado para o Mundo - 1996 a 2005

Fonte: Ministério do desenvolvimento da indústria e comércio exterior/ SECEX.

ii) O alto grau de concentração, por setores produtivos e por produtos.

Nos últimos anos, os segmentos com maior representatividade nas exportações do Brasil, foram os de agropecuária e extração mineral que, juntos, constituem

aproximadamente 51% das exportações, em 2005. Os produtos mais significativos desse comércio foram a soja e o minério de ferro, que explicaram quase 90% do comércio de cada setor.

As exportações para a China corresponderam a mais de 25% das exportações brasileiras de soja, e 26,11% das de minério de ferro em 2005.

iii) Forte estabilidade da composição da pauta exportadora.

Cinco setores sempre estiveram presentes entre as exportações do Brasil – agropecuária, extrativa mineral, siderurgia, óleos vegetais, celulose, papel e gráfica, sua parcela na pauta das exportações nunca foi inferior a 60% do valor exportado para a China.

3.2 Características das importações brasileiras oriundas da China

Por outro lado, as importações brasileiras também apresentam traços semelhantes, no qual vale mencionar:

i) Aumento do grau de penetração das exportações chinesas no total das importações nacionais.

Os ganhos mais elevados ocorreram no segmento de siderurgia, seguido por têxteis, calçados, couros e peles, equipamentos eletrônicos e elementos químicos.

ii) Considerável grau de concentração em poucos setores produtivos, embora pouco menor do que o verificado para as exportações.

Os segmentos de equipamentos eletrônicos e siderurgia, juntos somam cerca de 40% das importações brasileiras e, se forem considerados os cinco principais setores, que também incluem elementos químicos, indústrias diversas e material elétrico, a participação se eleva para mais de 60% em 2005. Desde 1996, o setor de equipamentos eletrônicos apresenta o maior peso nas importações brasileiras, essa elevada representatividade não é nenhuma surpresa, visto que se trata de uma indústria na qual os chineses mostram-se extremamente competitivos.

Segundo o estudo de Puga, F. *et al.* (2004) o forte peso desses segmentos pode ser explicado também, pela estratégia global de especialização vertical da produção por parte das multinacionais do setor, que tem optado por desenvolver parte dos seus

produtos em filiais localizadas em países onde o custo de produção é mais reduzido. Algumas empresas têm optado por produzir determinadas etapas de seu processo na China, em função das vantagens oferecidas pelo país em termos de custo de mão-de-obra e também pelo *know-how* dos profissionais, levando, depois, os produtos para as filiais brasileiras, que fazem a montagem do produto para a venda no mercado doméstico ou para exportação⁴.

A comparação das estruturas setoriais das exportações e importações do comércio Brasil-China apresenta algumas semelhanças. Nota-se que dois setores – siderurgia e calçados, couro e peles – aparecem entre os oito setores principais de cada fluxo. No caso do primeiro, as exportações para a China estão concentradas em laminados planos e em semimanufaturados de aço e ferro, enquanto as importações consistem basicamente em produtos metalúrgicos acabados. No caso do segundo segmento, o Brasil, por exemplo, exporta matérias-primas para a confecção de calçados e compra, da China, sapatos. Para esses segmentos pode se afirmar que existe uma certa complementaridade entre as estruturas produtivas da China e do Brasil. Essa complementaridade é observada nos outros setores, pois é baixo o percentual de itens constantes, simultaneamente tanto na pauta de importações como na de exportações. Tal evidência indica que o fluxo de comércio entre os países está baseado predominantemente no princípio de vantagens comparativas, sendo pouco relevante o comércio intra-indústria.

Tabela 8: Principais produtos importados pelo Brasil da China em 2005

Produtos	US\$ F.O.B.	Participação (%)
Outras partes p/aparelhos transmissores/receptores	396.487.975	7,41
Dispositivos de cristais líquidos (lcd)	255.936.201	4,78
Coques de hulha, de linhita ou de turfa	163.572.577	3,06
Outros aparelhos videofônicos de gravação/reprodução	121.186.164	2,26
Terminais portáteis de telefonia celular	101.972.689	1,9

⁴ No dias de hoje, existem controvérsias sobre esta afirmação, pois as empresas estão se deparando com uma situação diferente por não possuírem mais um contingente inesgotável de mão-de-obra. A alta rotatividade em alguns setores, está levando algumas empresas a se preocuparem com a crescente escassez de mão-de-obra qualificada. O que antes era visto como um fenômeno temporário hoje parece estar se confirmando, para isso as empresas estão tendo que aumentar os salários dos seus funcionários, levando as multinacionais a reavaliar aonde devem localizar as suas próximas instalações, mesmo que a China ainda apresente ganhos de produtividade, embora cada vez menores. Adicionalmente, o estreitamento do desnível salarial na China para outros países, ocasiona uma pressão no sentido de repassar os custos para os consumidores, e isso, a longo prazo, provavelmente produzirá um impacto inflacionário a nível mundial.

Outs.partes p/aparelhos recept.radiodif.televisao,etc.	90.829.821	1,7
Tecido de filam.poliéster textur >=85%, tintos, s/borracha	74.345.394	1,39
Circuito impresso	69.576.855	1,3
Outros acumuladores elétricos	58.877.925	1,1
Mecanismos toca-discos,mesmo c/cambiador,p/apars.reprod	58.595.829	1,09
Outs.circuitos integrados monolit.montados	47.838.784	0,89
Placas-mãe montad.p/maqs.proc.dados (circuito impresso)	44.980.088	0,84
Outras câmeras de vídeo	43.712.424	0,82
Outs.apars.recept.radiodif.comb.apars.som,pilha/eletr.	37.868.305	0,71
Outs.memórias montadas p/montag.superf.	36.529.755	0,68
Tecido de filam.de poliéster não texturizado >=85%	35.812.339	0,67
Circuito impresso montado p/telefonía,etc.	35.299.308	0,66
Lampadas/tubos descarga,fluorescente,de catodo quente	34.300.490	0,64
Outs.partes e acess.p/aparelhos de gravação/reprodução	34.020.123	0,64
Gabinete c/fonte de aliment.p/maqs.automat.proc.dados	32.986.416	0,62

Fonte: Ministério do desenvolvimento da indústria e comércio exterior/ SECEX.

Sob este panorama de baixa intensidade tecnológica das exportações industriais para a China, surgem algumas questões a respeito, por exemplo: as empresas industriais brasileiras não seriam tão competitivas quanto as do setor agropecuário para participar deste mercado? Quais as explicações para essa baixa participação da indústria brasileira no mercado chinês? Seria esta decorrente da baixa competitividade das empresas brasileiras? Para tentar responder essas perguntas, é necessário, através dos indicadores de competitividade e desempenho conhecer as principais características das firmas brasileiras que exportam para a China. O estudo de Fernanda Negri (2005), será utilizado como pano de fundo para fundamentar as hipóteses que tentam esclarecer esses questionamentos, fazendo-se necessário ressaltar que estas hipóteses talvez não sejam suficientes para ilustrar essas respostas.

3.3 O Perfil dos exportadores industriais brasileiros para a China⁵

Os indicadores selecionados para o estudo foram relacionados conforme os conceitos dos fluxos de comércio entre os países, cujo objetivo é expressar os determinantes microeconômicos das exportações, tais como escala, tecnologia e eficiência das firmas exportadoras.

As conclusões obtidas pela autora, ao analisar o total de firmas exportadoras, discriminando aquelas que exportam para o resto do mundo daquelas que exportam para

⁵ Foge do escopo deste estudo analisar minuciosamente os indicadores de competitividade e o desempenho dessas firmas, procura-se apenas mapear o perfil das firmas brasileiras exportadoras para o mundo em comparação com aquelas que exportam para a China.

a China, são de que as empresas que vendem seus produtos para a China são, em média, mais produtivas, mais intensivas em tecnologia, têm maior faturamento, possuem um elevado número de funcionários, tem maiores gastos em pesquisa e desenvolvimento e são mais eficientes (tanto em de escala quanto em de técnica). Surge, então, a dúvida, como a própria autora destaca, sobre o motivo que leva a pauta das exportações brasileiras em manufaturas a ser maior para o resto do mundo do que para a China.

Uma das explicações para essa discrepância é encontrada na análise do faturamento das empresas exportadoras. Das 9.665 firmas exportadoras da indústria de transformação brasileira, aproximadamente 10% vendem seus produtos no mercado chinês. Destas, apenas 4% (segundo dados de 2003) das exportadoras para a China têm faturamento inferior a US\$2 milhões, e sua participação de vendas para China é de 37%. Em contraste, das firmas que exportam mais de US\$500 milhões, 69% já estão inseridas no mercado chinês, porém a importância do mercado chinês nas suas exportações é relativamente pequena, representando em média 4% das exportações dessas firmas.

Com isso é possível explicar, o porquê das firmas exportadoras para a China possuírem indicadores de competitividade superiores aos demais exportadores, pois os maiores e mais competitivos exportadores industriais brasileiros, já estão no mercado chinês, ainda que com uma pequena parcela de produtos acabados.

A outra explicação baseia-se nos indicadores que mostram o desempenho competitivo dessas firmas, pois das 1.052 firmas que exportam para a China, o percentual de vendas em produtos de baixa intensidade tecnológica e de *commodities* (34% e 28% respectivamente) é bastante diferente quando comparado a outros mercados. De fato essas mesmas firmas exportam uma taxa bem maior de produtos de média intensidade tecnológica para a América Latina e, de média e alta intensidade para América do Norte. No entanto essas firmas brasileiras exportadoras de produtos mais intensivos em tecnologia, e que vendem seus produtos para outros mercados, como A. Latina e A. do Norte, já estão no mercado chinês. Entretanto, o valor das suas exportações para China não é suficientemente grande para alterar o padrão do comércio bilateral brasileiro com a China, uma vez que as exportações brasileiras para esse país são instituída em produtos muito menos intensivo em tecnologia do que o padrão médio brasileiro. Pode-se concluir, então, que as firmas exportadoras para o mercado chinês não são menos competitivas do que aquelas que exportam para o resto do mundo.

Sugere-se assim, que devem existir outros tipos de barreiras e/ou incentivos que impeçam ou dificultem o acesso de produtos brasileiros mais intensivos em tecnologia àquele mercado.

4 Exportações brasileiras: Possibilidade de expansão do comércio Brasil-China

Este capítulo pretende analisar as possibilidades de ampliação da pauta de exportações brasileiras em direção a produtos de maior dinamismo no comércio chinês. Para isso serão realizados exercícios com o propósito de identificar a potencialidade de expansão das exportações brasileiras para a China, considerando tanto o tamanho do mercado consumidor chinês quanto a capacidade do Brasil de exportar determinados bens e, por fim, a evolução do comércio bilateral nos últimos anos.

4.1 Produtos não exportados para a China, para os quais existem oportunidade comerciais relevantes

O primeiro exercício analisará os produtos em que o Brasil é competitivo e que não são exportados para a China. A partir do estudo de Mesquita, J. e Ferraz, G. (2006), foi realizado um exercício com base em alguns critérios para observar quais produtos o Brasil obteve vantagem comparativa no triênio de 2002-2004, mas não foram importados pela China.

No triênio de 2002-2004, o Brasil obteve vantagens comparativas (VC)⁶ em 702 produtos, correspondendo a 83,17% da sua receita de exportação. Deste conjunto, apenas 413 foram exportados para a China, o que representa um total de 1,09% das importações totais chinesas no mesmo período. Verifica-se que para os outros 289 produtos não importados pela China, os chineses também demonstram exportações relevantes em muitos deles. De fato, nesses 289, o *market share* chinês no mercado mundial para esses bens é consideravelmente maior que o brasileiro, com destaque para 108 produtos em que a China apresenta VC. A participação nas importações mundiais para essas mercadorias oriundas da China é de 15% enquanto a do Brasil é de aproximadamente 4%.

Portanto, observa-se que a China apresenta exportações relevantes para 108 mercadorias, o que explica parte da ausência das exportações brasileiras ao mercado chinês nesse período. Excluindo esses 108 produtos que a China concorre com o Brasil,

⁶ Ver Anexo 1.

remanescem no grupo 181 produtos no qual o Brasil detem VC e a China não (ver anexo 3). Para filtrar a análise a um número menor de produtos, foram desconsiderados os produtos cujas importações mundiais com origem do Brasil mostraram-se menor do que 5%. Assim, permanecem no grupo 40 produtos caracterizados pelos seguintes critérios: i) o Brasil tem VC no comércio internacional e não exporta para a China; ii) A China não é um exportador relevante; e iii) as exportações do Brasil dos produtos representam no mínimo 5% das importações globais. A tabela a seguir, apresenta o valor das exportações dos produtos em foco, discriminando por capítulo e por número de produtos em cada capítulo, e as importações chinesas desses produtos do resto do mundo.

Tabela 9: Produtos Brasileiros com VCs não exportados para a China: grupo de produtos relevantes por capítulo (2002-2004)

Capítulos	Importações da China			Importações mundiais		
	Total		%	Total	Com origem do Brasil	
	Nº Produtos	US\$ milhões		US\$ milhões	US\$ milhões	(%)
Carnes e miudezas, comestíveis	7	6,05	0,08	7.542,62	479,25	6,35
Peixes e crustáceos	3	18,96	1,61	1.177,44	85,98	7,3
Frutas, cascas de cítricos e de melões	6	24,83	0,87	2.845,85	163,04	5,73
Café, chá, mate e especiarias	3	1,47	0,38	384,89	79,84	20,74
Cacau e suas preparações	2	11,88	0,56	2.124,46	112,68	5,3
Preparações de produtos hortícolas	2	4,91	0,22	2.248,56	250,71	11,15
Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres	2	3,24	0,25	1.303,79	274,99	21,09
Minérios, escórias e cinzas	3	14,42	2,41	597,25	139,4	23,34
Extratos tanantes e tintoriais	1	1,11	5,5	20,21	1,59	7,85
Obras de couro	2	0,2	0,45	45,31	10,57	23,33
Pastas de madeira, material celulósico	1	3,47	14,63	23,68	3,28	13,85
Algodão	1	37,46	14,75	253,96	14,95	5,89
Fibras sintéticas ou artificiais	1	3,01	7,85	38,35	4,29	11,19
Tecidos especiais	1	3,2	4,88	65,54	5,12	7,81
Embarcações e estruturas flutuantes	1	103,3	6,09	1.695,86	392,17	23,13
Armas e munições	4	0,6	0,05	1.298,09	84,78	6,53
<i>Total</i>	40	238,11		21.665,86	2.102,64	

Fonte: Sistema de Dados (UNCTAD)

A pesquisa identificou que o Brasil não exporta para a China 40 produtos nos quais detém VCs e é um respeitável fornecedor mundial, a China não tem VC e ainda assim o Brasil não exporta para o mercado chinês. Os produtos que mais se destacaram foram pastas de madeira, algodão, tecidos especiais, e fibras sintéticas, estruturas flutuantes e armas e munições .

Segundo o mesmo, o fato do Brasil não exportar para a China esses produtos, pode ser explicada por diversos fatores como: produtos cujo consumo no mercado chinês é ínfimo; produtos nos quais a produção doméstica é capaz de suprir o mercado chinês consumidor; produtos cujos produtores domésticos se beneficiam de proteção tarifária ou algum tipo de barreira suficientemente forte para impedir as importações brasileiras; produtos nos quais outros países possuem VC maiores que o Brasil, ou possuem algum tipo de vantagem em relação ao comércio brasileiro, por exemplo, baixo custo de transporte, acordos comerciais; e, produtos nos quais os exportadores brasileiros apresentam restrições de oferta.

4.2 Produtos com VC que apresentaram perdas de competitividade no mercado chinês nos últimos anos

Com o intuito de avaliar se os produtos que o Brasil possui VC no triênio de 2002-2004 apresentaram perdas de competitividade (ou seja aqueles que reduziram seu *market share* no mercado chinês) nos últimos anos, compara-se esse mesmo grupo de mercadorias para os anos de 1998 e 2000 no mercado chinês.⁷ Com esse objetivo, o exercício adaptado, de novo com base no estudo de Machado, J. e Ferraz, G. (2006), estabeleceu-se os seguintes atributos:

- O Brasil possui VCs no comércio internacional e a China não, no triênio de 2002-2004
- O Brasil foi responsável por mais de 5% das importações globais do produto.

Dos 702 produtos que o Brasil tem VC, a China obteve exportações significativas em 195 destes. Entretanto, dos 507 produtos restantes, apenas 326 foram exportados para a China no período em questão. Desse montante, 57 mercadorias apresentaram perdas de competitividade entre 1998 e 2000. Conforme demonstram as tabelas abaixo o Brasil perdeu competitividade no mercado chinês nos períodos de 1998/2000 e o triênio de 2002-2004 mas foi responsável por uma fatia significativa das importações

⁷ Vale ressaltar, que os produtos que o Brasil apresentou VCs no triênio de 2002-2004 não são os mesmo que o Brasil possuía em 1998.

mundiais em 18 produtos (exportações brasileiras representaram mais de 5% das importações globais)⁸.

Tabela 10: Produtos brasileiros com VCs exportados para a China e com perdas de competitividade nos períodos de 1998/2000 e 2002-2004, discriminados por produtos.

Produtos	Importações Chinesas					
	Origem do mundo			Com origem do Brasil		
	Média de 1998 e 2000 (1)			Media de 2002-2004 (2)		
	US\$ mil	US\$ mil	Part (%)	US\$ mil	US\$ mil	Part (%)
Conservas de bovinos	751,7	113,7	15,1	2.456,7	17,0	0,7
Açúcar de cana bruto	35.132,9	2.920,5	8,3	29.982,5	0,0	0,0
Farinha e resíduos do óleo de soja	317.980,2	104.498,7	32,9	10.871,2	11,9	0,1
Resíduos para alimentação animal	2.092,0	12,9	0,6	369,3	6,7	1,8
Tetracloroeto de carbono	8.002,8	217,9	2,7	12,0	0,0	0,0
Tetracloroetileno (percloroetileno)	5.485,1	287,0	5,2	6.416,1	0,0	0,0
Nitrato de celulose	4.609,7	9,2	0,2	8.059,1	8,5	0,1
Pneus novos para motocicletas	783,3	6,2	0,8	519,8	0,0	0,0
Flaps para pneus de borrachas	1.906,2	9,7	0,5	4.471,3	6,6	0,1
Madeira de imbuia ou virola	1.784,1	37,1	2,1	4.638,7	0,0	0,0
Discos de fricção de amianto	1.478,3	27,6	1,9	3.759,2	0,5	0,0
Bombas para concreto	10.945,2	150,8	1,4	30.181,8	0,0	0,0
Compressores para refrigeradores	330.021,9	4.151,1	1,3	594.189,1	2.694,3	0,5
Grades de discos p/ preparar o solo	80,4	2,8	3,5	82,7	0,0	0,0
Colheitadeiras de algodão	2.615,6	365,0	14,0	4.058,1	263,2	6,5
Chassis com motor para automóveis	30.863,8	6.082,7	19,7	37.906,7	1.205,7	3,2
Aviões e veículos aéreos	154.289,8	18.388,9	11,9	112.486,6	9.753,0	8,7
Cadeiras para dentistas e cabeleiros	2.909,4	52,2	1,8	2.678,8	8,1	0,3

Fonte: Sistema de Dados (UNCTAD)

Tabela 11: Importações Mundiais nos períodos de 1998/2000 e 2002-2004, referentes aos produtos listados na Tabela 10.

Produtos	Importações Mundiais					
	Total			Com Origem do Brasil		
	Media de 1998/2000			Media de 2002-2004		
	US\$ mil	US\$ mil	Part (%)	US\$ mil	US\$ mil	Part (%)
Conservas de bovinos	967.985,6	274.068,6	28,3	1.183.001,0	361.285,8	30,5
Açúcar de cana bruto	3.049.833,0	928.239,6	30,4	3.203.807,1	1.324.121,5	41,3
Farinha e resíduos do óleo de soja	6.867.016,0	1.701.247,6	24,8	9.576.194,0	2.690.707,7	28,1
Resíduos para alimentação animal	244.924,2	28.643,8	11,7	291.895,0	62.616,5	21,5
Tetracloroeto de carbono	23.086,3	1.824,2	7,9	12.823,5	681,3	5,3
Tetracloroetileno (percloroetileno)	80.565,0	8.990,0	11,2	72.385,0	6.430,6	8,9
Nitrato de celulose	142.570,1	6.963,2	4,9	184.751,2	19.902,9	10,8

⁸ A tabela 10 apresenta as perdas de competitividade dos produtos nos períodos analisados, e a tabela 11 ilustra a participação do Brasil nas importações mundiais para os produtos encontrados na tabela 10.

Pneus novos para motocicletas	399.526,2	29.783,2	7,5	605.949,1	38.880,6	6,4
Flaps para pneus de borrachas	344.567,1	16.189,9	4,7	439.071,5	27.651,8	6,3
Madeira de imbuia ou virola	154.819,7	45.695,1	29,5	138.638,1	8.752,3	6,3
Discos de fricção de amianto	168.468,1	5.081,3	3,0	182.161,4	11.876,5	6,5
Bombas para concreto	165.170,4	3.392,4	2,1	222.121,9	11.218,6	5,1
Compressores para refrigeradores	5.717.500,4	413.425,7	7,2	7.606.938,5	469.754,2	6,2
Grades de discos p/ preparar o solo	64.425,9	7.309,8	11,3	62.689,2	8.040,3	12,8
Colheitadeiras de algodão	620.402,5	76.433,0	12,3	721.074,4	135.670,2	18,8
Chassis com motor para automóveis	2.169.408,5	196.005,6	9,0	2.195.102,9	282.972,6	12,9
Aviões e veículos aéreos	12.659.806,1	1.961.823,4	15,5	11.587.644,3	2.088.413,4	18,0
Cadeiras para dentistas e cabeleiros	157.608,6	9.497,5	6,0	223.994,4	14.566,4	6,5

Fonte: Sistema de Dados (UNCTAD)

Para os 18 produtos observados nas tabela acima, pode-se afirmar que apesar do Brasil ter perdido competitividade no mercado chinês, o mesmo não se pode dizer quando comparamos esses produtos na pauta das importações mundiais. De fato, em somente 6 destes produtos o Brasil reduziu seu *market share* no mercado mundial. Em contrapartida, o Brasil mostrou ganho de competitividade significativo para 7 produtos, entre os quais vale destacar: açúcar de cana, conservas de bovino, óleo de soja, resíduos para alimentação de animais algodão e aviões. Curiosamente, estes foram os mesmos produtos que o Brasil obteve maiores perdas de participação no mercado chinês, podendo-se presumir que para essas mercadorias, deve existir algum tipo de obstáculo que inviabilizam as exportações desses produtos para a China.

A seguir serão examinadas as possíveis causas do mau desempenho exportador brasileiro no mercado chinês para algumas das 57 mercadorias encontradas no exercício anterior.

Dos 57 produtos que o Brasil apresentou perda de competitividade no mercado chinês nos períodos analisados, o setor agropecuário foi um dos mais atingidos, entre os quais podem-se destacar as frutas frescas, como limões, goiabas, mangas, melões. O maior obstáculo enfrentado por esses produtos são as barreiras não tarifárias chinesas.

Na recente visita do presidente chinês ao Brasil, negociou-se a harmonização das regras do comércio para frutas com o objetivo de ampliar mutuamente o comércio frutífero entre as nações. Não obstante, uma vez que a produção chinesa de frutas é significativa, os produtores brasileiros terão de enfrentar a concorrência local.

Um outro produto sobre o qual o Brasil pode obter oportunidades comerciais apesar da forte concorrência com os países Asiáticos, é a castanha do pará, dado que as importações chinesas mostraram-se bastante dinâmicas no período.

O setor de abate de animais, é o que apresenta maior perda de competitividade com a China nos últimos anos, no entanto é um dos que mais demonstra oportunidades de comércio relevantes no mercado chinês. O Brasil é responsável por um terço das importações mundiais de preparações alimentícias de carnes bovinas. No entanto os maiores fornecedores de carnes para os chineses, são os australianos, americanos e canadenses. Com relação a aves, peixes e crustáceos, os maiores exportadores são Austrália, Oman e Indonésia.

Devido a restrições severas impostas ao óleo de soja em meados de 1990, pode-se afirmar que este foi o produto que apresentou maiores perdas nos períodos em análise. No entanto, com a entrada da China na OMC, essa barreira teve de ser reduzida. Segundo as conclusões do estudo de Pereira, L. e Ferraz, G (2005), o óleo de soja lida como uma disputa acirrada com os concorrentes domésticos, principalmente desde que o governo começou a implementar um processo de substituição das importações, investindo em instalações de processamento dos grãos de soja levando o país a aumentar seu consumo de grão e a diminuir o de óleo.

Um dos motivos para a perda de competitividade do açúcar brasileiro, é o fato do governo chinês manter acordos comerciais com Cuba, pois a importação do açúcar cubano, junto com o açúcar produzido domesticamente é suficiente para satisfazer a demanda interna do país, fechando as portas para o açúcar brasileiro.

Outros produtos com perda de competitividade entre 1998 e 2000 e no triênio de 2002-2004 foram o café e o cacau. A queda da demanda pelo primeiro pode ser explicada devido ao pequeno volume transacionado entre o Brasil e a China. Conseqüentemente, qualquer variação na demanda chinesa pode ocasionar um oscilação expressiva das importações de café pela China. Para o café brasileiro competir no mercado chinês, o Brasil deve investir pesadamente em publicidade afim de influenciar as pessoas a escolha do café em vez do chá. Já no caso do cacau, essa tendência de queda nas vendas do produto, pretende ser revertida nos próximos anos, devido a intensa divulgação do produto pela maior exportadora de chocolates do Brasil.

O setor de madeiras, é outro segmento que o Brasil tem possibilidades de expandir seu comércio com a China, no entanto apresentou perdas de *market share* no mercado chinês nos períodos em questão. Para uma melhor compreensão da situação, é necessário dividir a explicação em partes. O Brasil vem reduzindo suas exportações de madeira nobres e raras, como imbuia e mogno, a nível mundial e não só da China. O

motivo disto é que o governo brasileiro tem monitorado com olhos bem atentos esse comércio evitando qualquer tipo de contrabando. Já para os outros tipos de madeira, o Brasil lida com concorrentes no mercado chinês, como os EUA e Singapura. Uma outra explicação para a não exportação de alguns tipos de madeiras para a China, é o fato do governo chinês oferecer incentivos para empresas locais produtoras de madeira.

O Brasil deixou de exportar entre 1998 e 2000 até o triênio de 2002-2004, algodão, fibras sintéticos e tecidos especiais, materiais têxteis, calçados e peles e couros. O motivo disto é que a China é uma das maiores produtoras do mundo dessas mercadorias. No entanto indaga-se que a sua oferta não será suficiente para suprir a demanda doméstica, uma vez que se observa uma crescente participação da China no mercado mundial nesses produtos. A perda de competitividade do algodão pode ser explicada também pelas altas tarifas protecionistas impostas pela China, como será visto mais adiante.

O Brasil também apresentou perdas de *market share* para a China no setor de refino de petróleo e petroquímicos nos dados analisados, e o causa disto é o fato da China, possuir fornecedores que lhe oferecem maiores margens de lucros, por isso o baixo investimento brasileiro para a entrada do produto no mercado chinês.

O setor de peças e veículos também apresentou perda de competitividade, devido a intensa competição dos produtores chineses.

Pode-se afirmar que o Brasil é um forte fornecedor mundial em alguns dos seus produtos com VC, apesar do país não ter tido o mesmo desempenho nos últimos anos com a China. Novamente, segundo o mesmo estudo realizado por Machado, J. e Ferraz, G, existem algumas razões que justificam a ausência dos produtos brasileiros com VC no mercado chinês. Em síntese, entre os exportadores entrevistados para responder essa pesquisa do estudo, sublinham-se as suas preferências por outros mercados, seja por custos mais baixos, ou seja por alguma preferência comercial; competição com produtores chineses e obstáculos representados pelas barreiras comerciais.

4.3 Produtos não exportados para a China, com oportunidades comerciais relevantes.

Por último, para complementar a análise, o exercício criado pelos autores Puga, *et al.* (2004) será utilizado para identificar os produtos que mostram um potencial

crescimento das exportações brasileiras para a China. Pretende-se destacar a ampliação da pauta de exportações do Brasil em direção aos produtos de maior dinamismo no comércio chinês. Para esse cálculo, foram implementados os seguintes critérios:

- O crescimento das importações chinesas do produto entre 2002-2004 tem de ter sido superior ao crescimento do PIB da China no período (alta elasticidade renda).
- As importações chinesas do produto têm de ter superado a marca de US\$ 200 milhões em 2004, ou seja segmento em que as compras do país tem sido significativas.
- O total das exportações brasileiras do produto também tem de ter sido maior que US\$ 200 milhões em 2004.

Tabela 13: Potencialidades de exportação do Brasil

Produtos	Importações da China (US\$ milhões)		Cresc. de 98/04 (%)	Exportações Brasileiras (US\$ milhões) - 2004		Participação do Brasil (%)	
	1998	2004		China	Mundo	Importações Chinesas	Importações do Mundo
Trigo para semeadura	183,9	996,6	441,9	-	17342,0	-	1,2
Grãos de soja	585,2	5103,9	772,2	1621,7	15453,3	31,8	34,9
Óleo de soja	244,1	1254,8	414,1	422,9	4334,4	33,7	26,7
Minérios de ferro - não aglomerados	762,2	4796,5	529,3	781,4	11303,3	16,3	26,9
Minérios de ferro - aglomerados	135,0	822,3	509,0	333,6	5051,5	40,6	34,0
Óleos brutos de petróleo	425,8	5220,3	1126,1	210,1	263393,9	4,0	1,0
Naftas para petroquímica	110,4	6236,3	5549,5	5,3	207387,5	0,1	0,9
Poliétileno linear	592,8	1043,3	76,0	6,0	11233,4	0,6	2,3
Couro e peles de bovinos e eqüídeos	82,0	1775,4	2065,7	89,9	9023,9	5,1	7,0
Pastas químicas de madeira (celulose)	244,8	514,8	110,3	252,2	6183,4	49,0	27,0
Algodão não cardado nem penteado	118,4	1421,1	1099,9	19,2	7520,9	1,4	5,4
Aços - laminados quentes	74,7	536,2	617,5	16,8	12277,5	3,1	1,7
Motores de Pistão com mais de 1000 c	14,9	332,8	2129,3	45,2	23121,2	13,6	2,3
Reconhecíveis como exclusiva ou principalmente destinadas aos motores de pistão, de ignição por centelha	125,5	650,2	418,1	19,7	19638,4	3,0	1,9
Compressores utilizados em frigoríficos	39,6	236,1	495,9	3,5	9053,6	1,5	5,6
Máquinas e aparelhos mecânicos	756,3	5219,4	590,1	0,8	34038,3	0,0	0,6
Aparelhos transmissores de radio e tv	258,3	1398,6	441,4	0,2	111719,0	0,0	0,8
Automóveis de passageiros com motor entre 1500 c e 3000 c	578,7	2382,9	311,8	0,0	170512,7	0,0	1,5
Veículos automóveis p/ transporte de mercadorias, com peso superior a 20 toneladas	28,6	214,6	650,0	0,1	9057,9	0,1	2,3
Pára-choques, pára-lamas, grades, portas, air-bags para veículos automóveis e tratores	74,7	1463,8	1859,5	25,9	39467,8	1,8	0,5
Caixas de marchas	31,1	795,4	2454,0	3,1	23418,3	0,4	0,9

Dispositivos para comando de acelerador, freio, embreagem, direção ou caixa de marchas	152,3	3164,9	1977,5	42,6	77760,0	1,4	0,9
Barcos, faróis, quindastes	0,1	267,6	511147,2	-	3666,7	-	32,1

Fonte: Sistema de dados (UNCTAD)

Dentre os 25 produtos listados, aparecem 7, nos quais a presença brasileira no mercado chinês é significativa (maior que 5%), tais como grãos e óleos de soja, minério de ferro, couro e pele de bovino e eqüideo, pasta química de madeira (celulose) e motores de pistão com mais de 1000 cc. Para os outros 18 produtos, pode-se dizer que o Brasil é responsável por mais de 5% das importações mundiais em 3 deles (barcos, compressores utilizados em frigoríficos e algodão), mercados que poderiam vir a ser mais explorado pelos exportadores brasileiros na China

5 Barreiras Comerciais Aplicadas pela China

Por um longo período o governo chinês praticou uma política de comércio exterior autárquica, concebida como instrumento de um exercício de desenvolvimento econômico que se pretendia autônomo e auto-suficiente. No final da década de 1970, essa idéia de economia fechada foi lentamente sendo abandonada, e iniciou-se um processo de abertura da economia, o que foi um grande passo para sua inserção nas suas relações multilaterais. Desde então o governo chinês tem reduzido as suas tarifas e barreiras não tarifárias⁹ (BNTs) para adequar sua política de comércio exterior às regras da OMC, visando tornar-se um membro efetivo. Para isso teve que se moldar para um regime tarifário transparente e passou a utilizar barreiras não tarifárias discriminadamente, para finalmente ser aceito na OMC em Novembro de 2001.

Na presente seção, serão identificadas as tarifas chinesas aplicadas aos produtos brasileiros e quais são os efeitos nas exportações brasileiras. O objetivo é detalhar os obstáculos que inviabilizam as exportações brasileiras para a China, principalmente naqueles produtos em que o Brasil apresenta VC. Para concluir quais destes produtos o Brasil poderia estar ampliando as suas exportações com a China, será averiguado se o mercado chinês oferece boas oportunidades para os exportadores brasileiros.

A Tabela abaixo, ilustra a média das tarifas de importação aplicada pelo governo chinês aos produtos (discriminados por seção). Como se pode observar, as taxas mais elevadas concentram-se nos setores de alimentos, peles e couros, calçados e materiais têxteis, armas e munições e aparelho de ótica, o que explica em parte a queda de volume exportado pelos produtores brasileiros nos últimos anos.

Tabela 14: Tarifas de importação da China por seção - 2004

Seção	Nº de produtos	Média	Desvio Padrão	Mínima	Máxima
Animais vivos e produtos do reino animal	36	11,93	0,76	11,06	12,71
Produtos do reino vegetal	34	14,73	1,02	13,62	15,81
Gorduras e óleos animais ou vegetais	12	12,95	0,01	12,94	12,96
Prod. ind. alimentares; bebidas, fumo	51	19,20	0,17	19,00	19,41
Madeira, carvão vegetal e obras de madeira	26	6,92	0,11	6,81	7,10
Produtos minerais	193	3,75	0,17	3,56	3,93
Produtos das indústrias químicas	90	8,84	0,66	8,13	9,59
Plásticos, borracha e suas obras	9	9,76	0,33	9,39	10,07

⁹ A China impõe várias medidas não-tarifárias de proteção contra as importações, como quotas, licenças para importar, inspeção aduaneira, restrições quantitativas, proibição de importador, monopólio importador, exigência de conteúdo local, etc, que serão analisadas mais adiante.

Peles, couros e peleteria	27	14,89	1,00	13,68	15,84
Pastas de madeira, papel e suas obras	28	3,24	0,16	3,06	3,39
Matérias têxteis e suas obras	96	11,12	0,08	11,03	11,21
Calçados, chapéus e artefatos	12	17,80	0,25	17,55	18,05
Obras de pedra, cimento, e semelhantes	47	13,52	0,47	13,03	14,00
Pérolas, pedras preciosas, metais preciosos	10	11,26	0,68	10,58	11,95
Armas e munições; acessórios e partes	213	13,44	0,00	13,44	13,44
Metais comuns e suas obras	378	7,40	0,22	7,18	7,62
Máquinas e aparelhos elétrico	43	9,04	0,45	8,57	9,54
Material de transporte	69	7,45	0,24	7,16	7,72
Instrumentos e aparelhos de óptica	1	14,42	0,21	14,20	14,64
Mercadorias e produtos diversos	36	11,77	0,19	11,55	11,94
Objetos de arte, de coleção e antiguidades	34	9,29	0,14	9,14	9,43

Fonte: Sistema de dados (Unctad/Trains)

A partir dos exercícios do capítulo anterior, será comparado às tarifas adotadas pelo governo chinês, com o conjunto de produtos que podem vir a oferecer potencialidades de crescimento na China. Juntando os três exercícios, serão mapeados os produtos que podem apresentar ganhos no mercado chinês futuramente, caso o governo da China não impeça esse fluxo de comércio com algum outro mecanismo.

Tabela 15: Tarifas de importação da China para os produtos relacionados no exercício 1 em 2004.¹⁰

Produtos	Tarifa Média	Desvio Padrão	Mínima	Máxima
Carnes bovinas desossadas	12	0	12	12
Carnes de espécies cavalari, asinina e muar.	20	0	20	20
Fígados de espécie bovina	12	0	12	12
Fígados de espécie suína	20	0	20	20
Carnes não cortadas de perus e peruas	20	0	20	20
Toucinho e gorduras de porcos e aves	20	0	20	20
Carnes da espécie bovina	25	0	25	25
Atuns do gênero Thunnus	12	0	12	12
atuns-brancos ou germoes	12	0	12	12
Lagostas	10	0	10	10
Nozes sem casca	20	0	20	20
Goiabas, mangas e mangostoes	15	0	15	15
Melões, melancias e outros	12	0	12	12
Mamões Papaias	25	0	25	25
Cascas e cítricos	25	0	25	25
Mate	10	0	10	10
Pimenta não triturada nem em pó	20	0	20	20
Pimenta não triturada nem em pó	20	0	20	20
Canela e Flores caneleiras não trituradas	15	0	15	15
Pasta de cacau não desengordurada	10	0	10	10
Manteiga gordura e óleo de cacau	22	0	22	22

¹⁰ Ver anexo 2 para todos os capítulos encontrados no exercício 1.

Suco de laranja	30	0	30	30
Suco de laranja	30	0	30	30
Álcool etílico não desnaturado	40	0	40	40
Álcool etílico e aguardentes	30	0	30	30
Álcool etílico e aguardentes	30	0	30	30
Minérios de alumínio e seus concentrados	0	0	0	0
Minérios de tungstênio e seus concentrados	0	0	0	0
Cinzas e resíduos contendo cobre	6	0	6	6
Pigmentos e preparações a base de cádmio	6,5	0	6,5	6,5
Cordas de tripa	20	0	20	20
Outras obras de tripas, tendões ou bexigas	20	0	20	20
Pastas químicas de madeiras de não coníferas	0	0	0	0
Fios de algodão crus	5	0	5	5
Cabos de folamentos de poliésteres	5	0	5	5
Tecidos atoalhados	10	0	10	10
Dragas, diques, guindastes e embarcações onde a navegação não é a função principal	5,5	2,5	3	8
Espingardas e carabinas de caca ou tio ao alvo	13	0	13	13
Cartuchos	13	0	13	13

Fonte: Sistema de dados (Unctad/Trains)

Novamente, ao comparar a tarifa média aplicada nos produtos nos quais o Brasil não exportou para a China durante o triênio de 2002-2004 (utilizando os critérios do exercício 1), converge-se à mesma conclusão citada anteriormente. A maioria dos produtos com VC não exportados pelo Brasil apresentaram tarifas acima da tarifa média chinesa total que foi de 10%. Entre os produtos que o Brasil é um importante fornecedor mundial, e não houve tarifas chinesas em 2004, constam os minérios, extratos de tanantes e tintoriais e pastas de madeiras.

No caso das carnes, frutas, e outros produtos agropecuários, além das altas tarifas, soma-se a utilização de barreiras sanitárias o que dificulta mais ainda a entrada das mercadorias no mercado chinês. De modo assegurar condições que o produto brasileiro tenha acesso mais fácil na China, um memorando foi assinado por ambos países para fortalecer a cooperação nas áreas de regulamentação e inspeção fito e zoonitária. Entre as principais dificuldades enfrentadas pelos exportadores brasileiros no setor de abate de animais são as barreiras sanitárias, cotas de importação, falta de parceiros comerciais e competição com produtos chineses.

Já no setor agropecuário, existem esforços do governo brasileiro para harmonizar as regras do comércio de frutas, discute-se restrições referentes a quarentena. Dos obstáculos mais mencionados entre os exportadores brasileiros pode-se listar as restrições de oferta, concorrência com produtores domésticos no mercado local, pouca

aceitação do produto brasileiro, dificuldades de transporte, dificuldades de obtenção de linhas de crédito, e cotas e tarifas estabelecidas pelo governo chinês.

Tabela 16: Tarifas de importação da China para os produtos relacionados no exercício 2 em 2004¹¹

Produtos	Tarifa Média	Desvio Padrão	Mínima	Máxima
Preparações alimentícias e conservas de bovinos	12	0	12	12
Açúcar de cana bruto	50	0	50	50
Farinha e outros resíduos do óleo de soja	5	0	5	5
Tetracloroeto de carbono	8	0	8	8
Tetracloroetileno (percloroetileno)	5,5	0	5,5	5,5
Nitrato de celulose	6,5	0	6,5	6,5
Pneus novos para motocicletas	15	0	15	15
Flaps para pneus de borrachas	15,67	8,96	3	22
Madeira de imbuia ou virola	3	0	3	3
Discos de fricção de amianto	12	0	12	12
Bombas para concreto	8	0	8	8
Compressores para refrigeradores	9,5	0,76	8	10
Grades de discos para preparar o solo	5	0	5	5
Colheitadeiras de algodão	8	0	8	8
Chassis com motor para automóveis	13	5	8	20
Aviões e veículos aéreos	4	0	4	4
Cadeiras para dentistas e cabeleiros	0	0	0	0

Fonte: Sistema de dados (Unctad/Trains)

A partir da tabela acima, fica claro observar porque produtos como açúcar de cana e conservas de bovino, tiveram uma queda tão abrupta nas suas vendas para a China recentemente, pois com tarifas acima de 10% torna-se muito difícil exportar para o país, especialmente quando o Brasil não possui nenhum acordo preferencial. O açúcar de cana, adicionalmente enfrenta obstáculos do tipo cotas de importação e concorrência com produtores internacionais, dado que a China tem um acordo comercial com Cuba.

O setor de madeira, apesar de oferecer tarifas baixas, vem sofrendo competição com o mercado local, visto que o governo chinês oferece incentivos para instalação de novas indústrias e com isso novas empresas estão se estabelecendo.

A partir do estudo de Machado, M. e Ferraz, G. (2006) os motivos apresentados para justificar a perda de competitividade no mercado chinês foram devido aos obstáculos envolvidos estão as barreiras sanitárias, concorrência acirrada com produtores chineses, preço elevado dos produtos nacionais comprometendo a competitividade das exportações, exportações destinada para outros mercados,

¹¹ Somente serão considerados os 18 produtos do exercício 2.

dificuldades de transporte do produto, pouca aceitação do produto brasileiro e alto custo de frete.

Tabela 17: Tarifas de importação da China para os produtos relacionados no exercício 3 – 2004

Produtos	Tarifa Média	Desvio Padrão	Mínima	Máxima
Trigo para semeadura	65	0	65	65
Grãos de soja	2,4	1,2	0	3
Óleo de soja	9	0	9	9
Minérios de ferro - não aglomerados	0	0	0	0
Minérios de ferro – aglomerados	0	0	0	0
Óleos brutos de petróleo	0	0	0	0
Poliétileno linear	6,5	0	6,5	6,5
Pastas químicas de madeira (celulose)	0	0	0	0
Algodão não debulhado, não cardado nem penteado	40	0	40	40
Aços - laminados quentes	4	0	4	4
Motores de pistão com mais de 1000 cc	10	0	10	10
Bielas para motores de explosão	5,33	0,47	5	6
Compressores utilizados em equipamentos frigoríficos	9,5	0,76	8	10
Prensas s/aplicação específica	0	0	0	0
Aparelhos transmissores de rádio e tv	0	0	0	0
Automóveis com motor entre 1500 c e 3000 c	25	0	25	25
Veículos automóveis p/ transporte de mercadorias, com peso superior a 20 toneladas	15	0	15	15
Pára-choques, pára-lamas, grades, portas, air-bags para veículos automóveis e tratores	10	0	10	10
Caixas de marchas	9	1,73	6	10
Outras partes e acess.p/tratores e veículos automóveis	13,86	7,59	6	25
Barcos, faróis, quindastes, docas, diques flutuantes, etc.	5,5	2,5	3	8

Fonte: Sistema de dados (Unctad/Trains)

No último exercício, nota-se que os produtos mais protegidos pelo governo chinês, é o trigo, o algodão e os automóveis com motor entre 1500 cc e 3000cc, que apesar das importações terem sido dinâmicas¹² no período, não deve ser um mercado no qual o Brasil deva se empenhar para explorar.

Os setores siderúrgicos e de extrativa mineral, continuam apresentando um excelente negócio para os produtores brasileiros, não só pelo crescimento das importações chinesas, mas pelo fato das tarifas serem pequenas. O Brasil deve tentar ampliar esse comércio o quanto antes, dado que há especulações de que a China se tornará o maior produtor siderúrgico mundial futuramente, devido aos vultosos

¹² A faixa de dinamismo foi definida para aqueles produtos que tiveram um crescimento maior do que o PIB do período, ou seja aumentaram a uma taxa superior a 67%.

investimentos no setor. No entanto a China deve continuar importando minério de ferro em razão da escassez da matéria prima no território chinês.

Apesar do setor de peças de automóveis aparecer na lista com uma tarifa média elevada os exportadores Brasileiros pretendem entrar em massa no mercado chinês, pois este é um setor que a China apresentou um alto crescimento e nenhum tipo de barreiras não tarifárias. Em 2005, o setor já aparecia entre os vinte produtos mais exportados para a China.

Além de possuir uma estrutura tarifária bastante restritiva, a China impõe várias medidas não-tarifárias de proteção contra as importações, como quotas e licenças para importar. Adicionalmente, o governo chinês impõe restrições quanto ao número e ao tipo de agentes que podem importar. O governo chinês é uma das autoridades que mais faz uso de barreiras não tarifárias com o intuito de proteger seus produtores locais, entre as mais aplicadas encontram-se as: licenças de importação, no qual o exportador deve obter um certificado para poder vender seus produtos; inspeção aduaneira, onde pode ser cobrada uma taxa em diferentes portos de entrada; restrições quantitativas, critério usado para determinar as quantidades das quotas de determinados produtos, não há regras legais o que dificulta e torna incerto o acesso dos exportadores ao mercado chinês, a pratica é muito usada para produtos como trigo, soja e óleo de soja; requisitos de teste, muito empregado em produtos alimentares, assim como regulamentos sanitários, fitossanitários e de saúde de animais para as importações de animais e plantas, onde o governo chinês exige certificados fitossanitários que assegurem a ausência de doenças.

6 Concorrência entre o Brasil e a China no mercado Americano

No ano de 2004, o Brasil respondeu por cerca de 1,59% das importações americanas. No entanto, durante o mesmo período a China teve uma participação cerca de 6 vezes maior, atingindo 9,76% das importações americanas. Do lado brasileiro, dentre os setores que mais exportaram para os Estados Unidos, podem-se destacar os segmentos de calçados (chapéus e objetos de uso semelhante), obras de madeira (carvão vegetal, madeira) e o setor bélico, que corresponderam por 6,61%, 6,49% e 6,04% das importações americanas respectivamente. Enquanto na China, os segmentos que mais exportaram para os EUA foram o de: calçados (chapéus e objetos de uso semelhante), couros (peles em geral e seus derivados) e o setor de mercadorias e produtos diversos.

Tabela 18: Exportação do Brasil e da China por grupo de produtos relevantes por seção (2004)

Produtos	Importações dos Eua (US\$ milhões)			Participações	
	Brasil	China	Total	Brasil (%)	China (%)
Animais vivos e produtos do reino animal	197,5	969,6	16.033,2	1,2	6,0
Produtos do reino vegetal	625,3	399,4	15.367,6	4,1	2,6
Gorduras e óleos animais ou vegetais	64,0	11,1	1.972,4	3,2	0,6
Prod. ind. alimentares; bebidas, fumo	1.024,2	931,8	28.114,7	3,6	3,3
Madeira, carvão vegetal e obras de madeira	1.620,6	1.221,1	119.954,5	1,4	1,0
Produtos minerais	725,1	3.628,6	94.033,8	0,8	3,9
Produtos das indústrias químicas	429,8	4.838,6	40.731,2	1,1	11,9
Plásticos, borracha e suas obras	218,3	3.286,0	9.099,4	2,4	36,1
Peles, couros e peleteria	1.532,3	1.740,5	23.621,1	6,5	7,4
Pastas de madeira, papel e suas obras	559,7	902,5	24.215,3	2,3	3,7
Matérias têxteis e suas obras	508,7	9.072,2	66.533,5	0,8	13,6
Calçados, chapéus e artefatos	1.045,1	7.078,8	15.799,0	6,6	44,8
Obras de pedra, cimento, e semelhantes	681,2	1.715,5	13.938,1	4,9	12,3
Pérolas, pedras preciosas, metais preciosos	462,1	787,7	31.255,6	1,5	2,5
Armas e munições; acessórios e partes	3.329,1	8.762,4	76.591,5	4,3	11,4
Metais comuns e suas obras	3.116,6	56.701,1	381.033,7	0,8	14,9
Máquinas e aparelhos elétrico	3.563,8	5.378,8	221.239,3	1,6	2,4
Material de transporte	118,4	2.936,4	50.854,1	0,2	5,8
Instrumentos e aparelhos de óptica	56,1	9,8	929,6	6,0	1,0
Mercadorias e produtos diversos	436,4	14.728,3	45.445,3	1,0	32,4
Total	20.317,9	125.112,1	1.281.478,8		

Fonte: Sistema Dados (Unctad)

A partir da tabela cumpre salientar que a China e o Brasil possuem *market share* semelhantes no mercado americano em diversos setores como: obras de madeira, peles e couro e produtos da indústria alimentar. O Brasil apresentou uma participação

expressiva maior do que a China (diferença acima de 1 %) em dois segmentos: instrumentos e segmentos de ótica, e produtos do reino vegetal. Dentre os produtos que o Brasil conquistou a maior participação no mercado americano, sublinha-se o segmento de calçados, no entanto, este é um dos mais atingido pela concorrência chinesa, dado que a China possui uma acentuada participação de 44,81% contra 6,61% do Brasil nas importações americanas. A dificuldade de competir nesse setor tem sido crescente, uma vez que os produtos chineses são vendidos a preços ligeiramente inferiores aos brasileiros.

Para restringir a quantidade de produtos em questão, será introduzido um exercício para facilitar a análise do desempenho das exportações brasileiras frente as chinesas no mercado americano. No exercício, apenas foram utilizados produtos nos quais o Brasil apresentou VC no triênio de 2002-2004, ou seja, em 702 mercadorias. Deste montante, averiguaram-se quais produtos a China também exportou para os EUA, resultando em um total de 179 mercadorias. Observou-se então, quais produtos deste conjunto o Brasil e a China perderam ou ganharam *market share* no mercado americano. A metodologia usada para o cálculo das perdas e ganhos do estudo foi a seguinte:

- A participação do Brasil e da China em 1998 com o volume total desses produtos importados pelos EUA.
- O crescimento percentual dos produtos na pauta de importações dos EUA tanto para a China quanto para o Brasil.

Os produtos foram definidos de acordo com a classificação do Sistema Harmonizado (SH) no menor nível de desagregação possível (a dois dígitos, chamados de capítulos). A tabela abaixo mostra somente os 28 produtos nos quais o Brasil foi responsável por mais de 0,05% das importações americanas em 1998.

Tabela 19: Relevância do Brasil e da China nas Importações dos EUA em 1998 e 2004.

Nomes dos Capítulos	Participações (%)		Participações (%)		Perda/Ganho de participação (%)	
	1998		2004		1998 à 2004	
	Brasil	China	Brasil	China	Brasil	China
Peixes, crustáceos e moluscos	6,3	0,0	11,3	0,3	5,1	0,3
Produtos da indústria de moagem	8,6	47,6	6,2	0,0	-2,3	-47,6

Produtos à base de cereais	43,2	3,8	18,0	11,3	-25,2	7,5
Fumo (tabaco) e seus manufaturados	35,3	0,1	54,6	0,0	19,3	-0,1
Sal; terras e pedras; gesso, cal e cimento	13,1	32,5	9,3	47,0	-3,8	14,5
Combustíveis e óleos minerais	9,9	23,4	9,8	33,8	-0,2	10,4
Produtos químicos inorgânicos	6,4	22,9	18,2	26,1	11,7	3,1
Produtos químicos orgânicos	7,3	13,8	7,2	32,3	-0,1	18,5
Produtos farmacêuticos	7,9	77,7	9,7	10,8	1,9	-66,9
Borracha e suas obras	5,2	5,2	2,9	21,7	-2,3	16,5
Peles e couros	9,7	0,3	15,6	7,4	5,9	7,0
Obras de couro	20,2	15,6	13,7	43,8	-6,5	28,3
Madeira, carvão vegetal e obras de madeira	6,7	6,8	18,9	20,9	12,2	14,1
Seda	19,4	52,5	22,5	19,6	3,0	-32,9
Outras fibras têxteis vegetais	88,2	0,6	87,0	3,1	-1,2	2,5
Filamentos sintéticos ou artificiais	27,9	0,0	9,3	14,5	-18,6	14,5
Vestuário e seus acessórios	10,1	1,6	2,6	12,6	-7,5	11,0
Outros artefatos têxteis; calçados, chapéus e artefatos	7,0	18,5	14,4	12,6	7,5	-5,8
Calçados, polainas e artefatos semelhantes	9,4	35,1	10,1	46,6	0,7	11,5
Chapéus e artefatos de uso semelhante	10,1	11,7	13,8	0,4	3,8	-11,4
Obras de pedra, gesso, cimento ou de matérias semelhantes	17,9	3,6	30,2	13,3	12,3	9,7
Vidro e suas obras	6,0	2,9	10,7	38,0	4,7	35,2
Ferro fundido, ferro e aço	27,2	1,6	25,9	9,3	-1,3	7,7
Estanho e suas obras	11,9	10,5	11,7	14,8	-0,2	4,3
Outros metais comuns	28,4	3,0	33,6	13,2	5,3	10,2
Veículos automóveis, tratores, outros veículos terrestres partes	5,7	3,1	5,4	20,8	-0,3	17,8
Brinquedos, jogos, artigos para divertimento ou para esporte	10,9	15,4	16,2	51,1	5,3	35,7
Peixes, crustáceos e moluscos	14,0	22,8	5,1	32,4	-8,9	9,5

Fonte: Sistema de Dados (UNCTAD)

A partir da tabela acima deve se notar que, dentre os 28 produtos analisados, a China apresentou um ganho de *market share* no mercado americano desde 1998 em 22 deles e o Brasil em 14. Dos produtos que o Brasil apresentou ganho de *market share*, a China demonstrou um ganho de competitividade maior em 6 destes.

Dentre os 14 produtos em que o Brasil apresentou perda de participação, os que mais tiveram perdas acentuadas foram os produtos a base de cereais, filamentos sintéticos, borracha e produtos da indústria de moagem. Desse conjunto, a China apresentou um ganho de competitividade em 13 mercadorias, com destaque para os: veículos automóveis, couro, vidros, vestuário, combustíveis minerais e produtos químicos orgânicos. Em contrapartida, dos 6 produtos que a China apresentou queda de participação, o Brasil obteve um ganho significativo somente na indústria do fumo.

Para enfatizar os argumentos citados acima, a tabela abaixo demonstra a evolução dos 20 produtos mais exportados pelo Brasil para os EUA em 1998 e sua participação no triênio de 2002-2004 em relação aos da China (usando os mesmos critérios do

exercício acima). Vale destacar, que estes 20 produtos representavam cerca de 19% das receitas brasileiras com os EUA em 1998, e em 2004 esse número passou para 22,3%.

Tabela 16: Vinte produtos mais exportados pelo Brasil em 1998 para os EUA.

Produtos	Importações dos EUA		Importações dos EUA		Perda/Ganho	Perda/Ganho
	1998		2004		do Brasil	da China
	Brasil	China	Brasil	China	(%)	(%)
Outros calçados de couro natural	685,9	1530,3	748,6	2.353,2	8,4	35,0
Ferro fundido bruto não ligado	338,9	24,2	547,2	29,7	38,1	18,5
Outros produtos semimanufaturados de ferro e aço	332,2	0	334,8	37,4	0,8	100,0
Aparelhos de radio c/toca-fitas p/veículos	263,8	170,5	81,4	268,3	-224,1	36,5
Outros calçados de couro natural,	103,4	142,3	119,6	545,1	13,5	73,9
Pneus novos para ônibus ou caminhões	84,4	68,1	55,2	42,0	-52,9	-62,1
Rodas de eixos propulsor	64,1	35	86,8	93,4	26,2	62,5
Couro e peles de bovinos e eqüídeos	53,4	0,1	79,5	82,0	32,8	99,9
Granito talhado ou serrado	47,8	4,6	207,2	77,3	76,9	94,0
Roupas de toucador/cozinha	41,6	60,9	134,6	295,5	69,1	79,4
Portas, alizares e soleiras de madeira	35,7	5,4	104,2	966,3	65,7	99,4
Outras obras de couro natural ou reconstituído	35	27	78,4	79,9	55,4	66,2
Outros móveis de madeira	32,6	220,2	83,7	5.217,9	61,1	95,8
Lápis	30,4	17,8	18,9	18,7	-60,8	4,8
Madeira de não coníferas	28,5	1,5	88,6	289,8	67,8	99,5
Apars.transm/recep.de telecom.satélite	27	47,3	781,6	120,4	96,5	60,7
Fio-maquina de ferro/aço	25,9	0	43,7	602,2	40,7	100,0
Alumínio não ligado em forma bruta	24,5	49,4	87	1,4	71,8	-3428,6
Estanho não ligado em forma bruta	22	19,4	22,7	198,2	3,1	90,2
Motor eletr.corr.altern.trif	18,2	19,4	17,1	49,1	8,4	35,0
<i>Total</i>	2.295,09	2.443,09	3.720,79	7985,76		

Fonte: Sistema de dados (UNCTAD)

Dos 20 produtos que o Brasil mais vendeu em 1998, a China obteve uma taxa de crescimento maior do que a do Brasil em 16 mercadorias. Apesar dos dados não serem suficientes para indicar claramente que o Brasil está perdendo competitividade frente aos produtos chineses no mercado americano, o fato dessas taxas serem expressivas dispara um alerta para os exportadores brasileiros.

Em 1998, esses produtos equivaliam a US\$ 2,295 bilhões para o Brasil, o que correspondiam em torno de 6,2% das importações totais americanas contra 6,66% da China. Já em 2004, a participação brasileira caiu em 0,2% enquanto a da China passou para 12,88%.

7 Conclusão

A China tem sido nos últimos anos, o principal contribuidor para o crescimento global, seja através da produção industrial seja através de sua participação no comércio exterior. Sua demanda por *commodities* agrícolas, petróleo, minérios, metais não ferrosos, aço, ferro, tem sido vantajosa para a balança comercial brasileira, proporcionando superávits comerciais crescentes e elevação do *market share* do país no mercado importador chinês, que em 2004 alcançou seu patamar mais expressivo (1,37%).

Um outro indicador importante para medir o quadro da China atual, é através do ingresso de capital no país. A partir do estudo realizado por índice de coincidência do setor e origem (de IED), não apontar o Brasil como alvo para perda de IED a favor da China, o fato deste último apresentar condições favoráveis, do tipo mão de obra barata e um gigante mercado consumidor (vantagens de escala), faz-se necessário ressaltar que a China continuará o principal destino do capital mundial. O motivo para essa tendência é simples, investir no mercado chinês, traz retornos altos. Uma vez que essa lucratividade diminua, os ingressos de capitais irão convergir para outro local mais rentável.

Caso a China venha introduzir algum plano de privatização das suas empresas, o Brasil, assim como os outros países, certamente irão ver seus ingressos de capitais se reduzir.

Embora a China seja reconhecida pela liderança mundial na produção mundial de manufaturas de baixo valor agregado tais como têxtil, vestuário, calçados, o país começa a ganhar espaço em outros setores de alto valor agregado, como máquinas de escritório, equipamentos elétricos, receptores de televisão, equipamentos de refrigeração, cujo maior importador são os Estados Unidos.

A análise do perfil do comércio bilateral Brasil-China nos últimos anos mostra que, são bastante concentradas em produtos básicos, que responderam por 68% da pauta no ano de 2005, apresentando um padrão bem diferente do total das exportações brasileiras (apenas 30% referem-se a básicos).

Outra característica importante desse comércio é de que as vendas para a China são extremamente concentradas em poucos produtos e poucos setores produtivos, onde, aproximadamente 60% das vendas (2004) referem-se a apenas dois setores agropecuária e extrativa mineral, e em cada um deles mais de 90% referem-se apenas a 1 produto:

soja, no primeiro caso e minério de ferro, no segundo. Esta concentração da pauta não é um fenômeno recente, uma vez que, desde 1985, os 8 principais setores responderam por mais de 80% das exportações para a China, sendo que os dois principais responderam sempre por mais de 50% da pauta.

Os fluxos de comércio entre o Brasil e China são predominantemente baseados em vantagens comparativas, e não no chamado comércio intra-indústria. Isto significa que os ganhos que Brasil e China podem auferir na expansão do fluxo de comércio bilateral são potencialmente altos.

Dos três exercícios propostos no estudo, foram identificados 33 mercadorias do qual o Brasil pode vir a ampliar seu comércio com a China, caso não exista nenhum tipo de barreira adotada pela China.

Do primeiro exercício foram encontrados 8 produtos no qual o Brasil não exportou para a China no triênio de 2002-2004, é um grande fornecedor mundial dessas mercadorias e não apresenta tarifa alta na China, como demonstrado abaixo. Embora não seja preciso dizer que o Brasil não teria obstáculos para ampliar seu comércio nesses bens, uma vez que não foi observada a existência de barreiras não tarifárias chinesas, o fato de esses produtos possuírem uma tarifa abaixo da tarifa média total imposta pelo governo chinês, que foi de 10%, já é uma grande vantagem, e certamente é motivo para o Brasil implementar alguma política de promoção desses bens na China.

Tabela 21: Produtos identificados a partir do exercício 1.

Produtos	Tarifa Média
Pigmentos e preparações a base de cádmio	6,5
Cinzas e resíduos contendo cobre	6
Dragas, diques, guindastes e embarcações onde a navegação não é a função principal	5,5
Fios de algodão crus	5
Cabos de folamentos de poliésteres	5
Minérios de alumínio e seus concentrados	0
Minérios de tungstênio e seus concentrados	0
Pastas químicas de madeiras de não coníferas	0

Fonte: Sistema de dados (UNCTAD).

No segundo exercício, utilizando o mesmo critério dos produtos com tarifas abaixo da tarifa média para todos os produtos chineses (10%), observa-se que para os produtos abaixo onde o Brasil perdeu participação no mercado chinês, nem sempre isso se deveu a altas tarifas adotadas pela China (como se pode ver na tabela abaixo). Para os

onze produtos abaixo, o Brasil apresentou ganho de competitividade no mercado mundial em oito deles (ver tabela 11), o que enfatiza a idéia de que deve de haver outras barreiras impostas pelo o governo chinês para explicar a perda de participação desses bens no mercado chinês. Vale destacar que deste contingente, somente houve um produto, aviões, no qual a China reduziu as suas importações totais desses bens.

Tabela 21: Produtos identificados a partir do exercício 2.

Produtos	Tarifa Média
Compressores para refrigeradores	9,5
Tetracloroeto de carbono	8
Bombas para concreto	8
Colheitadeiras de algodão	8
Nitrato de celulose	6,5
Tetracloroetileno (percloroetileno)	5,5
Farinha e outros resíduos do óleo de soja	5
Grades de discos para preparar o solo	5
Aviões e veículos aéreos	4
Madeira de imbuia ou virola	3
Cadeiras para dentistas e cabeleiros	0

Fonte: Sistema de dados (UNCTAD).

A análise do tamanho do desempenho do mercado chinês (importações mundiais acima de US\$ 200 milhões, e importações com alta taxa de crescimento no últimos anos), bem como da capacidade de exportação do Brasil (exportações mundiais acima de US\$ 200 milhões) no terceiro exercício, mostra que o Brasil tem potencial de ampliação e diversificação das vendas brasileiras para 14 produtos, dado que as tarifas não são relativamente altas, dos 21 encontrados no exercício.

Tabela 21: Produtos identificados a partir do exercício 3.

Produtos	Tarifa Média
Compressores utilizados em equipamentos frigoríficos	9,5
Óleo de soja	9
Caixas de marchas	9
Polietileno linear	6,5
Barcos, faróis, quindastes, docas, diques flutuantes, etc.	5,5
Bielas para motores de explosão	5,33
Aços - laminados quentes	4
Grãos de soja	2,4
Minérios de ferro - não aglomerados	0
Minérios de ferro – aglomerados	0
Óleos brutos de petróleo	0

Pastas químicas de madeira (celulose)	0
Prensas s/aplicação específica	0
Aparelhos transmissores de rádio e tv	0

Fonte: Sistema de dados (UNCTAD).

Como o Brasil apresenta-se como forte fornecedor desses produtos no mercado chinês (ver tabela 4), isso indica que o Brasil deverá continuar com essa pauta de exportação para a China no futuro, dado que o país não possui tarifas altas.

Vale a pena destacar que o Brasil apresenta vantagens comparativas em outros setores como carnes e outros alimentos, que apesar de não terem sido citados como potencialidades de exportação para a China, devido às altas barreiras tarifárias e não tarifárias impostas pela China, são segmentos que o Brasil poderia vir a ampliar seu comércio futuramente caso o governo brasileiro venha a continuar fazer acordos com a China.

Contudo não se pode descartar a hipótese de que o país venha a ser afetado por eventuais barreiras comerciais impostas pela China, o que reforça a importância de uma maior aproximação comercial e diplomática entre os países e da eventual negociação de acordos comerciais que possam prevenir a adoção de medidas protecionistas.

Como salientado no trabalho, o fato das vendas para a China serem amplamente concentradas em empresas de grande porte, o governo brasileiro deve focar-se em políticas de promoção comercial no mercado chinês especificamente voltadas para empresas de pequeno porte, como o objetivo de aumentar a participação dessas empresas no mercado chinês.

Por fim, o trabalho procurou ainda avaliar os impactos da penetração dos produtos chineses sobre as exportações brasileiras nos Estados Unidos. Os produtos brasileiros com maior *market share* na pauta das importações americanas, são do setor siderúrgico. Apesar do Brasil e da China mostrarem certas diferenças na composição das suas vendas para os Estados Unidos, por conta da concorrência com a China, pode-se dizer que houve deslocamento da participação brasileira nos Estados Unidos desde 1998. Segundo os dados levantados, para o Brasil obter uma melhora nas vendas para os EUA, surge a necessidade de um maior esforço de promoção da marca Brasil no exterior.

Apêndice

Anexo 1: Índice De Vantagens Comparativas

O índice de vantagem comparativa busca mensurar os produtos em que o país apresenta vantagem comparativa (ou seja aqueles produtos que o país exporta mais do que o resto do mundo) com base nos fluxos de comércio dos anos anteriores. Pressupõe-se que com a inexistência de fatores influenciando o comércio internacional como: os subsídios, tarifas, barreiras alfandegárias, cotas de importações, é possível medir a eficiência da produção doméstica através do seu desempenho no comércio exterior. Um outro lado do termo (em outras palavras), um país tem vantagens comparativas se o custo de oportunidade da produção do bem em termos de outros bens é mais baixo em outros países.

No entanto, para o índice ser calculado de forma acurada, deve se preocupar com aqueles produtos que são afetados por fatores alheios à competitividade, como os mencionados acima, que possam interferir artificialmente nos fluxos de comércio do país. Esse problema é comum ao realizar o cálculo do índice de Vantagens Comparativas, uma vez que é difícil excluir esses produtos, cuja negociação comercial possa ser manipulada pelos governos nacionais. Para evitar qualquer erro temporário que possa existir em curto período, o índice de vantagem comparativa foi calculado para o triênio de 2002-2004 reduzindo assim a margem de erro, ou seja diluindo qualquer efeito de um ano atípico.

O índice analisa se um país possui vantagens comparativas na produção do produto i . Esta condição só se verifica quando o peso total das exportações do produto i de um país é superior a participação mundial da venda desse mesmo produto no total das exportações mundiais.

Como forma de simplificar os cálculos, normalmente utiliza-se o logaritmo aos dois índices:

$$IVCR_i^{BR} = \frac{X_i^{BR} / \sum_j X_j^{BR}}{X_i^{Mundo} / \sum_j X_j^{Mundo}}$$

Log $VC_i > 1$, o país possui vantagem comparativa no produto i .

Log $VC_i < 1$, o país não possui desvantagem comparativa no produto i .

Anexo 2: Tarifas de importação da China por capítulo

Capítulo	Média	Desvio Padrão	Mínima	Máxima
Animais vivos	5,0	1,7	3,3	6,7
Carnes e miudezas	17,7	0,0	17,6	17,7
Peixes e crustáceos	11,2	1,0	10,1	12,2
Leite e laticínios, ovos e mel	14,0	0,4	13,2	14,4
Outros produtos de origem animal	11,7	0,7	11,0	12,5
Plantas vivas e floricultura	10,0	1,8	8,3	11,9
Produtos hortícolas, plantas, raízes e tubérculos	10,8	0,6	10,1	11,4
Frutas;	18,9	0,4	18,2	19,4
Café, chá, mate e especiarias	13,1	0,4	12,7	13,5
Cereais	27,1	0,3	26,8	27,4
Produtos da indústria de moagem; malte; amidos; inulina; glúten de trigo	25,3	0,9	24,4	26,3
Sementes e frutos oleaginosos	7,8	2,4	5,0	10,4
Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais	10,7	2,3	8,1	13,1
Matérias para entrançar outros produtos de origem vegetal	8,8	0,0	8,8	8,8
Gorduras e óleos animais ou vegetais;	12,9	0,0	12,9	13,0
Preparações de carne, de peixes ou de crustáceos	12,5	0,2	12,3	12,8
Açúcares e produtos de confeitaria	25,9	0,0	25,9	25,9
Cacau e suas preparações	11,0	0,0	11,0	11,0
Preparações de cereais, amidos, féculas	19,7	0,0	19,7	19,7
Preparações de produtos hortícolas e de frutas	20,2	0,4	19,8	20,7
Preparações alimentícias diversas	22,4	0,7	21,5	23,5
Bebidas, líquidos alcoólicos	22,4	0,0	22,4	22,4
Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares	5,3	0,2	5,1	5,5
Fumo, tabaco	33,3	0,0	33,3	33,3
Sal; enxofre; terras e pedras; gesso, cal e cimento	4,2	0,1	4,1	4,3
Minérios, escórias e cinzas	1,1	0,1	1,0	1,2
Combustíveis minerais, óleos minerais	5,9	0,4	5,5	6,3
Produtos químicos inorgânicos	5,6	0,0	5,6	5,7
Produtos químicos orgânicos	5,7	0,1	5,6	5,7
Produtos farmacêuticos	4,4	0,1	4,4	4,6
Adubos e fertilizantes	10,3	0,1	10,2	10,3
Extratos tanantes e tintoriais, tintas e vernizes	7,5	0,0	7,5	7,5
Óleos essenciais e produtos de perfumaria	14,2	0,1	14,1	14,2
Sabões, agentes orgânicos de superfície	9,6	0,2	9,4	9,8
Matérias albuminóides	10,1	0,2	9,9	10,3
Pólvoras e explosivos	8,4	0,0	8,4	8,4
Produtos para fotografia e cinematografia	14,0	6,4	7,0	21,2
Produtos diversos das indústrias químicas	7,6	0,1	7,5	7,8
Plásticos e suas obras	8,2	0,0	8,1	8,2
Borracha e suas obras	11,3	0,6	10,6	11,9
Peles, exceto a peleteria, e couros	11,0	2,0	8,2	12,6
Obras de couro	15,6	0,1	15,5	15,7
Peleteria (peles com pêlo) e suas obras; peleteria artificial	18,1	0,9	17,4	19,3
Madeira, carvão vegetal e obras de madeira	5,3	0,3	5,0	5,9
Cortiça e suas obras	5,5	0,0	5,5	5,5
Obras de espartaria ou de cestaria	10,0	0,0	10,0	10,0
Pastas de madeira	0,2	0,0	0,2	0,2
Papel e cartão	6,8	0,1	6,6	6,8
Livros, jornais, gravuras e outros produtos das indústrias gráficas	2,8	0,4	2,4	3,2
Seda	8,1	0,0	8,1	8,1
Lã, pêlos finos ou grosseiros	16,2	0,7	15,5	16,9
Algodão	9,4	0,0	9,4	9,4
Outras fibras têxteis vegetais; fios de papel e tecidos de fios de papel	6,9	0,0	6,8	6,9
Filamentos sintéticos ou artificiais	7,6	0,0	7,6	7,6
Fibras sintéticas ou artificiais	8,6	0,1	8,6	8,7

Pastas e feltros	8,3	0,0	8,3	8,3
Tapetes	13,2	0,1	13,0	13,3
Tecidos especiais	10,3	0,1	10,2	10,4
Tecidos	9,5	0,0	9,5	9,5
Tecidos de malha	10,6	0,0	10,6	10,6
Vestuário e seus acessórios, de malha	16,5	0,0	16,5	16,5
Vestuário, exceto de malha	15,9	0,1	15,8	16,0
Artefatos têxteis	14,6	0,1	14,6	14,7
Calçados	19,8	0,0	19,8	19,8
Chapéus e artefatos de uso semelhante, e suas partes	17,0	0,7	16,3	17,6
Guarda-chuvas, sombrinhas, guarda-sóis, bengalas...	12,9	0,0	12,9	12,9
Penas e penugens, flores artificiais	21,6	0,3	21,3	21,9
Obras de pedra, gesso, cimento, amianto	13,0	0,7	12,3	13,7
Produtos cerâmicos	13,9	0,1	13,8	13,9
Vidro e suas obras	13,7	0,7	13,0	14,4
Pérolas naturais, pedras e metais preciosos	11,3	0,7	10,6	11,9
Ferro fundido, ferro e aço	5,1	0,0	5,1	5,1
Obras de ferro fundido, ferro ou aço	10,1	0,4	9,8	10,5
Cobre e suas obras	7,0	0,4	6,6	7,4
Níquel e suas obras	4,8	0,1	4,8	4,9
Alumínio e suas obras	9,1	0,5	8,6	9,6
Chumbo e suas obras	5,3	0,0	5,3	5,3
Zinco e suas obras	5,0	0,0	5,0	5,0
Estanho e suas obras	6,1	0,8	5,3	6,9
Outros metais comuns e suas obras	7,0	0,3	6,7	7,3
Ferramentas, artefatos de cutelaria, talheres de metais comuns	10,7	0,0	10,7	10,7
Obras diversas de metais comuns	11,1	0,0	11,1	11,1
Máquinas e aparelhos mecânicos	8,3	0,3	7,9	8,6
Máquinas e aparelhos elétricos	9,8	0,6	9,2	10,4
Veículos e material para vias férreas	3,9	0,0	3,9	3,9
Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, suas partes e acessórios	16,1	0,6	15,4	16,8
Aeronaves e aparelhos espaciais, e suas partes	2,2	0,1	2,0	2,3
Embarcações e estruturas flutuantes	7,6	0,2	7,3	7,8
Instrumentos de ótica e foto, médico-cirúrgicos	7,8	0,4	7,3	8,2
Aparelhos de relojoaria e suas partes	16,0	0,2	15,8	16,3
Instrumentos musicais;	19,5	0,0	19,5	19,5
Armas e munições	13,4	0,0	13,4	13,4
Móveis	7,6	0,1	7,5	7,7
Brinquedos, jogos, artigos para esporte	7,3	0,0	7,3	7,3
Obras diversas	20,4	0,5	19,8	20,8
Objetos de arte	9,3	0,1	9,1	9,4

Bibliografia

Devlin, R., Esteveordal, A. e Rodriguez, A. [2005]: “The Emergence of China: Opportunities and Challenges for Latin América and the Caribbean” Texto para Discussão, BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Pereira, L.V. e Ferraz, G.T. [2005] “O Acesso as China à OMC – Implicações para os interesses brasileiros”. CNI – Confederação Nacional da Industria.

Puga, F.P., de Castro, L.B., Ferreira, F.M.R. e Nascimento, M.M. [2004] “O Comércio Brasil-China: Situação atual e potencialidades de crescimento” Texto para Discussão, BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

Lora, E. [2005]: “¿Debe América Latina Temerle a la China?” n° 536, BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Moreira, M.M. [2004] “Brazil’s Trade Liberalization and Growth: Has it failed?” Occasional Paper 24, BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento Integração e Departamento de Programas Regionais (INTAL/ITD).

De Negri, F. [2005] “Concorrência Chinesa no Mercado Brasileiro: Possíveis Impactos da Concessão, para a China, do Status de Economia de Mercado” Nota Técnica, IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

De Negri, F. [2005] “O Perfil dos Exportadores Industriais Brasileiros para a China” Texto para Discussão n° 1091 IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

Abreu, M.P. [2005] “China’s Emergence in the Global Economy and Brazil”

Texto para Discussão n° 491, Departamento de Economia, PUC-Rio

Ribeiro, F. e Pouchet, H. [2004] “O perfil do comércio Brasil-China”. FUNCEX

Machado, J.B.M. e Ferraz, G.T. [2006] “Comércio Externo da China: Efeitos Sobre as Exportações Brasileiras”, Texto para Discussão n° 1091 IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

Goldstein, A. [2005] “Um jogador global latinoamericano se dirige a Ásia: Embraer em China”, Separata, Boletín Informativo Techint 316

Cesarin, S. [2006] “China y el espejo latinoamericano”, Foreign Affairs en Español, Volume 6, Número 1

Bijian, Z. [2006] “El ascenso pacífico de China a la condición de superpotencia” , Foreign Affairs en Español, Volume 6, Número 1

Jisi, W. [2006] “China y su búsqueda de estabilidad con Estados Unidos” , Foreign Affairs en Español, Volume 6, Número 1

Mahbubani, K. [2006] “Para entender a China” , Foreign Affairs en Español, Volume 6, Número 1

Hughes, N.C. [2006] “¿Guerra Comercial con China?” , Foreign Affairs en Español, Volume 6, Número 1